

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO**

Yago Felipe Meireles Ferreira

A Eucaristia como fonte de serviço aos pobres

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

São Paulo

2025



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Yago Felipe Meireles Ferreira

A Eucaristia como fonte de serviço aos pobres

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de BACHAREL em Teologia, sob a orientação do Prof. Dr. Pe. Sidnei Fernandes Lima.

**São Paulo
2025**

Yago Felipe Meireles Ferreira

A Eucaristia como fonte de serviço aos pobres

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para obtenção do título de BACHAREL em Teologia.

Aprovado em: ____/____/____

Prof. Dr. Sidnei Fernandes Lima

Em Louvor à Santíssima Trindade e à Virgem
Maria.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e pela vocação que gravou em meu coração. A Jesus, em sua presença real no Santíssimo Sacramento, no qual é a razão da minha vida, a minha felicidade, o meu tudo, que me alimenta e me sustenta todos os dias. Ao Espírito Santo que me guia todos os dias e que me inspirou em todo o decorrer deste trabalho. À Virgem Maria, minha mãe e mestra, por todo o cuidado e força nos momentos difíceis.

Agradeço ainda a Deus pela possibilidade da formação presbiteral. À Igreja Católica pelo Batismo, pelo dom da fé e por tantas graças espirituais. Ao Santo Padre o Papa Francisco, que descanse paz. À Arquidiocese de São Paulo, na pessoa de seu pastor e guia, o Cardeal Odilo Pedro Scherer, pela acolhida no caminho formativo para o sacerdócio. Ao Seminário Imaculada Conceição da Arquidiocese de São Paulo. Aos formadores do seminário que com paciência e amor me acompanham neste processo. À Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. Aos meus professores, especialmente, ao Padre Sidnei Fernandes de Lima, pela orientação e incentivo na elaboração deste trabalho.

Especialmente a Missão Eucarística Voz dos Pobres, minha família espiritual, onde eu aprendi a amar os pobres eucaristicamente: amar, sofrer, perdoar e continuar. Ao Ká, ao Tó e a todos os meus irmãos de comunidade, por toda a compreensão e paciência, por todas as orações e pela presença amiga. Aos pobres, a cada irmão de rua que passou por minha vida e foi presença de Cristo para mim, que contribuiu para que eu me tornasse quem sou hoje.

À minha família, que sempre me apoiou em cada momento da minha vida, por todo o cuidado que tantas vezes me comove, por toda a educação e valores transmitidos. Meus pais Osvaldo e Idelma, meu irmão Diogo. Aos meus amigos. Aos meus irmãos de seminário, especialmente a minha turma de formação: Fabiano Henrique, Vinícius Pinheiro, Leonardo Oliveira e Victor Natali. Agradeço por todo o auxílio na vida espiritual e acadêmica. Enfim, a todos que de algum modo colaboraram com a execução deste trabalho, transmito minha sincera gratidão.

RESUMO

A Eucaristia é fonte e ápice da vida cristã, é dela que parte toda a ação evangelizadora da Igreja. Os pobres ocupam um lugar central quanto a destinação do Evangelho. Diante de uma sociedade em que surge cada vez mais novos rostos pobres, urge a necessidade de uma resposta à altura acerca do serviço eficaz da Igreja para com os pobres. Para isso, este trabalho buscou como objetivo central apresentar uma reflexão teológica acerca do Sacramento da Eucaristia e o seu desdobramento no serviço aos pobres. O problema que norteou a pesquisa foi: Existe alguma relação entre a Eucaristia e o serviço aos pobres? Para responder a essa questão, realizou-se o levantamento bibliográfico de textos da Sagrada Escritura, Tradição e Magistério da Igreja, além de outros textos da espiritualidade Católica que fundamentem o tema. Assim, os dados levantados na pesquisa permitiram compreender a profunda relação existente entre a Eucaristia e o serviço aos pobres, de tal modo que a recepção do Sacramento não somente compromete o cristão com os pobres, mas atribui novo sentido que inspira o zelo no serviço aos mais necessitados. Por isso, deve-se cultivar uma autêntica espiritualidade eucarística que promova o verdadeiro serviço cristão para com os pobres.

Palavras-chave: Eucaristia. Serviço aos pobres. Espiritualidade.

ABSTRACT

The Eucharist is the source and summit of Christian life; it is from it that all the Church's evangelizing action proceeds. The poor occupy a central place in the Gospel's destination. In a society where ever-new faces of poverty are emerging, there is an urgent need for an appropriate response regarding the Church's effective service to the poor. To that end, this study set out with the central objective of presenting a theological reflection on the Sacrament of the Eucharist and its unfolding in service to the poor. The question that guided the research was: Is there any relationship between the Eucharist and service to the poor? To answer this question, a bibliographical survey was carried out of texts from Sacred Scripture, Tradition, and the Magisterium of the Church, as well as other works of Catholic spirituality underpinning the theme. Thus, the data collected in the research enabled an understanding of the profound relationship between the Eucharist and service to the poor, to such an extent that the reception of the Sacrament not only commits the Christian to the poor but also imbues them with a new sense of purpose that inspires zeal in serving those most in need. Therefore, one must cultivate an authentic Eucharistic spirituality that promotes true Christian service to the poor.

Keywords: Eucharist. Service to the poor. Spirituality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I _A TEOLOGIA DO SACRAMENTO DA EUCARISTIA: FUNDAMENTOS BÍBLICOS	13
1 Introdução	13
1.2 Elementos tipológicos sobre a Eucaristia no Antigo Testamento	13
1.2.1 O pão e o vinho ofertados por Melquisedec	13
1.2.2 O maná no deserto	15
1.2.3 O pão que fortalece Elias no deserto	16
1.2.4 O sacrifício pascal.....	17
1.3 A Eucaristia no Novo Testamento	18
1.3.1 Figuras tipológicas sobre a Eucaristia no Novo Testamento.....	18
1.3.2 A Eucaristia nos sinóticos	20
1.3.3 A Eucaristia após a Ressurreição de Jesus.....	22
1.4 A Eucaristia no Evangelho segundo João: a dimensão do serviço	24
1.4.1 A Eucaristia no discurso do Pão da Vida	25
1.4.2 A Eucaristia emanada do lado aberto de Cristo	26
1.4.3 Lava-pés: a relação entre Eucaristia e serviço	27
1.5 Considerações finais do capítulo	30
CAPÍTULO II _A Eucaristia nos conduz para o serviço aos irmãos mais necessitados	32
2.1 Introdução	32
2.2 A Eucaristia e a caridade para com os pobres nos Padres da Igreja ...	33
2.2.1 O desenvolvimento teológico e litúrgico da Eucaristia nos Padres da Igreja.....	34
2.2.2 A Eucaristia e o compromisso com os pobres segundo os Padres da Igreja	37

2.3	A relação entre a Eucaristia e o serviço aos pobres no Magistério da Igreja	41
2.4	A Eucaristia e o serviço aos pobres no Pontificado do Papa Francisco ...	44
2.5	Considerações finais do capítulo	46
CAPÍTULO III__A espiritualidade eucarística como fonte para o serviço aos pobres		
3.1	Introdução	48
3.2	A Eucaristia e os pobres na Teologia da América Latina	48
3.2.1	A opção preferencial pelos pobres.....	49
3.2.2	A Eucaristia e a opção preferencial pelos pobres	51
3.3	Em que consiste o serviço da Igreja aos pobres	52
3.3.1	O autêntico serviço cristão aos pobres	52
3.3.2	O servo como uma pessoa eucaristizada	55
3.4	Servir os pobres com amor eucarístico	56
3.4.1	A espiritualidade eucarística de amor pelos pobres nos Santos da Igreja	57
3.4.2	A espiritualidade do amor eucarístico	60
3.5	Considerações finais do capítulo	62
CONCLUSÃO		65
REFERÊNCIAS.....		69

INTRODUÇÃO

A Eucaristia é fonte e centro de toda a vida Cristã, é através deste Santíssimo Sacramento que Cristo continua a manifestar o seu extremo amor que o levou a dar “a vida pelos seus amigos” (Jo 15, 13). Jesus foi enviado pelo Pai ao mundo para conceder aos homens a dignidade de participar da intimidade divina. Uma comunhão nova e profunda dos homens com a Santíssima Trindade, e esta comunhão, se dá de modo sublime na comunhão eucarística.

É pela Eucaristia que se realiza a verdadeira comunhão, pois o Senhor deseja que todos façam parte de seu banquete eterno. Por isso, é chamada também de sacramento da caridade, uma vez que não se pode buscar a união com Cristo sem buscar a união com todos os outros aos quais Ele se entrega. Não é possível pensar na Eucaristia, sem pensar na fome que muitos irmãos passam em nossa sociedade. Fazer comunhão com os irmãos é estar atento às suas necessidades e supri-las, como Cristo supre as nossas necessidades.

São muitos os novos rostos que surgem em meio a sociedade globalizada. Os pobres abandonados nas calçadas, as vítimas da violência e da exploração, os refugiados, os enfermos, os tóxico-dependentes, as pessoas portadoras de deficiência física ou mental, os desempregados, os excluídos por conta do analfabetismo, os idosos abandonados, entre muitas outras pessoas à margem da sociedade, são os pobres da nossa sociedade atual. Não é possível viver uma vida autenticamente cristã, sendo indiferente a essa realidade.

Diante da multidão faminta, Jesus disse aos seus discípulos: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14, 16). Com esta realidade da pobreza que se impõe em nossa sociedade, justifica-se a relevância desta pesquisa, uma vez que a Eucaristia é o ponto de partida de toda ação da Igreja, e ao mesmo tempo, donde emana toda sua força.

Desse modo, levanta-se um problema central que norteará toda a pesquisa deste trabalho monográfico: Existe alguma relação entre a Eucaristia e o serviço aos pobres?

A hipótese levantada é que existe uma correlação entre a Eucaristia e os pobres, uma vez que foi na Última Ceia que o Senhor ensinou aos seus discípulos a

serem verdadeiros servidores (Jo 13, 1-17) e em outro momento os ensinou a se comprometerem com a fome do povo (Mt 14, 16).

O objetivo geral deste trabalho é o seguinte: apresentar uma reflexão teológica acerca do Sacramento da Eucaristia e o seu desdobramento no serviço aos pobres. Foram traçados como objetivos específicos: expor uma reflexão teológica acerca do Sacramento da Eucaristia na dimensão bíblica, na Tradição e no Magistério da Igreja. Em seguida, levantar possíveis dados que comprovem a sua relação com o serviço aos pobres. Por fim, apresentar as consequências na vida cristã em decorrência dessa possível relação.

Metodologicamente, esta pesquisa é de natureza bibliográfica e fundamenta-se no levantamento de textos bíblicos, textos do período patrístico e do Magistério mais recente da Igreja, bem como outros textos da espiritualidade Católica. Será utilizado também textos de plataformas digitais, artigos, dissertações de mestrado e teses doutorais acerca do assunto.

O presente trabalho é composto por três seções que estão estruturadas da seguinte forma: um primeiro capítulo onde se levanta diversos textos bíblicos do Antigo e do Novo Testamento, buscando refletir acerca da Eucaristia como grande dom de Deus, planejado desde o início do projeto de Salvação para a humanidade. Dom concretizado na história através da Instituição da Eucaristia por Jesus. Além disso, será apresentada uma reflexão acerca da narrativa do lava-pés no Evangelho joanino, buscando relacionar a possível relação entre a Eucaristia e serviço.

No segundo capítulo, investigará a fundamentação que comprove a correlação entre a Eucaristia e o serviço aos pobres na Tradição e no Magistério da Igreja. Tendo já abordado na seção anterior a reflexão dessa possível relação, cabe neste momento continuar este percurso de retorno às fontes da Revelação tão incentivados no Concílio Vaticano II, levantando textos dos Padres da Igreja. Em seguida será apresentado textos do Magistério recente da Igreja onde os Papas ensinam de que modo se dá a relação entre a Eucaristia e o serviço aos pobres. No último momento dessa seção, buscará dar um destaque aos ensinamentos do Papa Francisco sobre esse tema.

Por fim, o terceiro capítulo buscará, a partir dos resultados colhidos nos capítulos anteriores, apresentar uma proposta que auxilie os batizados a viverem

no cotidiano de suas vidas a missão confiada por Cristo de servir os mais pobres. Para isso, levantará textos da teologia latino-americana e a sua chamada opção preferencial pelos pobres. Depois será analisado de que modo a Igreja compreende o seu papel no serviço aos mais pobres. Para assim chegar concretamente na proposta espiritualidade eucarística que frutifique no serviço aos mais pobres.

CAPÍTULO I

A TEOLOGIA DO SACRAMENTO DA EUCARISTIA: FUNDAMENTOS BÍBLICOS

1 Introdução

A Sagrada Escritura tem como objetivo revelar o projeto de Salvação que o Deus Uno e Trino tem para a humanidade, perdida no pecado. Este Mistério salvífico encontra o seu ápice na Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus. De todos os sacramentos, a Eucaristia é o sacramento que mais diretamente torna presente na história este acontecimento central da salvação (ALDAZÁBAL, 2010, p. 11). A Eucaristia é o sacramento da caridade, do serviço e da doação que Jesus Cristo faz de si mesmo, por amor aos homens. (SACRAMENTUM CARITATIS, nº 1).

Este capítulo apresentará os fundamentos bíblicos da Eucaristia, tendo como objetivo responder o problema levantado neste trabalho monográfico: Existe alguma relação entre a Eucaristia e o serviço aos irmãos mais necessitados?

Para isto, será exposto o movimento de Deus na história, que preparou a humanidade para acolher tão precioso dom, através de figuras tipológicas no Antigo Testamento que prefiguram de algum modo a Eucaristia. Em seguida, será tratado acerca da Eucaristia no Novo Testamento, a sua Instituição por Jesus Cristo, o seu significado e desdobramentos na vida dos discípulos. Por fim, será apresentado a relação entre a Eucaristia e serviço, através da imagem de Jesus no lava-pés no Evangelho segundo João.

1.2 Elementos tipológicos sobre a Eucaristia no Antigo Testamento

Todo o Antigo e o Novo Testamento estão interligados em um Mistério só e registram a única história da Salvação. De modo que os acontecimentos no Antigo Testamento prepararam e anunciaram as realidades do Novo Testamento, como uma prefiguração. Não foi diferente com a Eucaristia, que também foi anunciada profeticamente e prefigurada no Antigo Testamento (SANTOS, 2023, p. 156).

1.2.1 O pão e o vinho ofertados por Melquisedec

O primeiro elemento prefigurativo que se pode inferir no Antigo Testamento, é o do pão e vinho oferecidos por Melquisedec, Rei de Salém e sacerdote do Deus Altíssimo em Gn 14, 18-20. Após Sodoma ter sido invadida e saqueada, o sobrinho de Abrão, Ló, foi sequestrado junto com todos os seus bens. Abrão, em conjunto a mais de 300 aliados, conseguiu recuperar seu sobrinho e os seus bens. Em agradecimento ao êxito, Melquisedec ofereceu a Deus o pão e o vinho, como sacrifício de louvor.

Melquisedec é apontado como prefiguração do sacerdócio de Cristo, uma vez que Jesus tomou também o pão e o vinho e ofereceu a Deus bendizendo-o, como é narrado nos sinóticos¹. O próprio autor sagrado da Carta aos Hebreus relaciona a figura de Melquisedec com a figura de Cristo, dedicando todo o capítulo 8 a este feito (SANTOS, 2023, p. 157).

Apesar de ser um evento curto, possui uma grande importância para a tradição católica. De tal modo que a oferta de Melquisedec é citada na própria Oração Eucarística I ou Cânon Romano: “Recebei, ó Pai, com olhar benigno, esta oferta, como recebestes os dons do justo Abel, o sacrifício de nosso patriarca Abraão e a oblação pura e santa do sumo sacerdote Melquisedeque” (MISSAL ROMANO, 2023, p. 533).

O Catecismo da Igreja Católica traz no nº 1334 uma referência do oferecimento do pão e do vinho no Antigo Testamento. Na Antiga Aliança, a oferta do pão e do vinho possuía o sentido de entregar a Deus as primícias da terra e do trabalho humano, como sacrifício de louvor e de reconhecimento do poder de Deus e de sua intervenção na história.

Como explica Santos (2023, p. 157), Jesus Cristo possui o sacerdócio régio por excelência, da ordem de Melquisedec, como profetizava o salmista a respeito do Messias: “Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec” (Sl 110, 4). No Novo Testamento, através da Instituição da Eucaristia na Santa Ceia, Jesus oferece também o pão e o vinho. Agora não apenas como primícias da terra e do trabalho humano ou apenas como sacrifício de louvor. Mas como oblatas que se tornaram o seu próprio corpo e sangue.

Assim é realizado através da oração sobre o pão e depois sobre o vinho:

Bendito sejas, Senhor, Deus do universo, pelo pão que recebemos de vossa bondade, fruto da terra e do trabalho

¹ Mt 26, 26-29; Lc 22, 19-20 e Mc 14, 22-25.

humano, que agora vos apresentamos, e para nós se vai tornar pão da vida (MISSAL ROMANO, 2023, p. 446).

Outro fato interessante a se observar, é que assim como Melquisedec recebeu de Abrão “o dízimo de tudo” (Gn 14, 20) e ofertou a Deus o pão e o vinho em sacrifício de louvor, de igual modo ainda é perpetuado essa ação na Santa Missa. O presidente da celebração, que possui o sacerdócio segundo a ordem de Melquisedec, recebe os donativos da assembleia, para serem oferecidos junto ao pão e o vinho ao Senhor como sacrifício.

1.2.2 O maná no deserto

O maná no deserto é o segundo elemento prefigurativo sobre a Eucaristia que surge no Antigo Testamento. Ele está localizado no capítulo 16 do livro do Êxodo. Os Israelitas, o povo de Deus, foram conduzidos pelo Senhor após a fuga do Egito, ao deserto de Sin. Moisés e Aarão foram escolhidos pelo Senhor para serem os líderes do povo. Não como senhores tiranos, mas como servidores do povo, como instrumento que os liga a Deus.

Como descreve Ferreira (2015, p. 23), a única noção que os israelitas tinham até então sobre senhorio, era a do Faraó como seu senhor tirano. Através de Moisés e Aarão, eles conhecem um tipo de liderança servidora, espelhada no senhorio de Deus, que é um Senhor atento e providente às necessidades de seu povo.

Fadigados pela longa caminhada em busca da Terra Prometida, o povo de Deus murmurava contra o Senhor. “Antes fôssemos mortos pela mão de lahweh na terra do Egito, quando estávamos sentados junto à panela de carne e comíamos pão com fartura!” (Ex 16, 3). Moisés e Aarão intercedem pelo povo junto a Deus e obtém da Divina Providência, o maná, o pão do céu. “Eis que vos farei chover pão do céu” (Ex 16, 4).

O maná era um alimento misterioso e o seu próprio nome transmite esse significado. O nome “maná” deriva etimologicamente do som produzido pela expressão hebraica “*man-hû*” que significa “o que é isso?”. Foi a expressão utilizada pelos israelitas ao verem cair os grãos do céu, no v. 15 (CLIFFORD, 2007, p. 141).

Como explica López (2006, p. 148), o maná era uma substância branca, fina e granulada, semelhante a um grão de coentro, com sabor parecido ao bolo de mel.

Poderia ser moído no moinho ou amassado no pilão para que com a farinha se tornasse pão. Ele deveria ser consumido logo pela manhã, pois era um alimento rapidamente perecível. Esse era o pão que a cada manhã o Senhor providenciava para fortalecer o seu povo na caminhada rumo à Terra Prometida. Conforme Ferreira (2015, p. 25), o maná não traz apenas o aspecto simbólico de Deus que quer alimentar o seu povo. O dom do maná é também um sinal de estímulo para o povo de Deus, a maneira pedagógica do Senhor educá-los na confiança em sua providência. É acima de tudo, sinal da presença de Deus em meio ao seu povo. A Eucaristia, por seu modo, é alimento do novo povo de Deus rumo à Pátria definitiva e a própria presença do Senhor junto aos seus amados.

1.2.3 O pão que fortalece Elias no deserto

Outra imagem do Antigo Testamento que se pode relacionar como um elemento prefigurativo da Eucaristia, é o pão cozido que o Senhor dá a Elias, através de seu anjo, para fortalecê-lo no caminho. Nesta passagem, em 1Rs 19, 1-8, Elias denuncia a idolatria dos reis de Israel, Acab e Jezabel e prova a existência e o poder de um único Deus, o de Israel, vencendo o desafio dos profetas de Baal. Com isto, Elias precisa fugir para o deserto para proteger a sua vida, pois os reis ordenaram a sua morte.

Elias se cansa, pelo longo caminho percorrido em fuga no deserto e em meio ao sofrimento e desânimo, implora a Deus por sua morte, dizendo: "Agora basta, lahweh! Retira-me a vida, pois não sou melhor que meus pais" (1Rs 19, 4). O profeta adormece em meio ao cansaço e é acordado pelo anjo do Senhor, que o ordena que se levante e coma o pão cozido que estava sobre uma pedra quente. Ele acorda, come, e volta a dormir. Uma segunda vez o anjo insiste: "Levanta-te e come, pois do contrário o caminho te será longo demais." (1Rs 19, 7).

O profeta Elias come do pão enviado por Deus através de seu anjo e tem suas forças restituídas. Como afirma Vítório (2021, p. 38), Elias se encontrava em meio ao sono da morte, uma "morte simbólica". O profeta já havia desistido da vida e da missão que recebeu de Deus. "Enquanto o profeta espera a morte, na mais total abulia, envolvido por um profundo sono, eis que uma espécie de 'ressurreição' começa a se processar em sua vida" (VITÓRIO, 2021, p. 38). Ao comer deste pão que surge do

céu, Elias é restituído em sua vida e em sua missão. E como é descrito na Sagrada Escritura, este alimento fortalece o profeta por todo o trajeto até o monte Horeb.

Como afirma McKenzie (2011, p. 208), o deserto, o monte, são imagens do lugar de encontro com Deus. Este pão que alimentou Elias, o fortaleceu no caminho que percorreu para ter o seu encontro com o Senhor. O Pão Eucarístico, dado por Cristo, é o próprio encontro com o Senhor, que fortalece e conduz ao seu encontro definitivo.

1.2.4 O sacrifício pascal

O sacrifício do cordeiro pascal em Ex 12, 1-14.21-28.43-50 é a próxima figura tipológica do Antigo Testamento que prefigura a Eucaristia. O Senhor ordena a Moisés e Aarão que instrua o povo na realização do sacrifício do cordeiro como lhe agrada. Deve ser um cordeiro por família, macho, sem defeito e sem mancha. Ao imolar o cordeiro em sacrifício, os israelitas deverão passar o sangue do cordeiro em suas casas para protegê-las na páscoa do Senhor, isto é, na sua passagem. Deverão também comer da carne do cordeiro.

O sacrifício judaico do cordeiro pascal é figura tipológica de Jesus o Cordeiro de Deus sem mancha, que oferta o sacrifício perfeito a Deus Pai (DI BERARDINO, 2002, p. 342). Já a carne e o sangue do cordeiro pascal, que são sinais de salvação aos israelitas na páscoa do Senhor, são prefigurações da Eucaristia, cuja Carne e Sangue de Jesus, são dados aos discípulos pelo Senhor na Ceia Pascal, para a Salvação Eterna.

[...] Imediatamente antes de sua prisão, Jesus celebrou com seus discípulos a ceia pascal e instituiu nesta ocasião a eucaristia; de sua palavra fica claro que se entendeu a si mesmo como o cordeiro pascal: “Tomai e comei, isto é o meu corpo... Bebei todos, pois este é o meu sangue da nova Aliança, que por todos vós será derramado para o perdão dos pecados” (Mt 26, 26ss). Jesus morreu na mesma hora que no templo eram abatidos os cordeiros para a festa da páscoa. Assim como nos animais do sacrifício da páscoa nenhum osso podia ser quebrado, assim foi no caso de Jesus [...] (LURKER, 1993, p.66).

Para Aldazábal, a comunidade dos discípulos do Senhor, desde o início do cristianismo, interpretou a última ceia de Jesus como uma nova ceia pascal, relacionando a ceia e a Eucaristia como a Páscoa cristã.

[...] A comunidade entendeu a ceia do Senhor e a Eucaristia como a nova celebração pascal cristã, que leva seu pleno cumprimento os melhores valores da ceia de Israel. (ALDAZÁBAL, 2010, p. 45).

A páscoa dos judeus não se limitou apenas ao significado de proteção, mas por ordem do Senhor ganhou o sentido de memorial da libertação da escravidão do Egito, através da passagem pelo Mar Vermelho. O Senhor determinou que se celebrasse a páscoa judaica anualmente. Os judeus deveriam ainda durante a semana da páscoa comer apenas pães ázimos, que conforme explica Aldazábal (2010, p. 46), recebem também um sentido tipológico de prefiguração da Eucaristia.

1.3 A Eucaristia no Novo Testamento

Todo este caminho expositivo percorrido acerca das várias figuras tipológicas sobre a Eucaristia, dispostas no decorrer do Antigo Testamento, buscaram trazer luzes para uma melhor compreensão acerca deste grande dom de Deus, a extrema doação Jesus à humanidade.

Cumprido neste momento, expor como este grande dom de Deus, desejado por Ele desde o início do plano de salvação e cuidadosamente preparado no decorrer da história, se apresenta propriamente no Novo Testamento, junto ao mistério da morte e ressurreição de Jesus.

1.3.1 Figuras tipológicas sobre a Eucaristia no Novo Testamento

No Novo Testamento ainda surgem muitas figuras tipológicas que prefiguram a Eucaristia até a sua instituição por Jesus Cristo na última Ceia com os seus discípulos. Como explica Correia (2008, p. 203), o primeiro sinal prefigurativo consistente da Eucaristia no Novo Testamento é o milagre da multiplicação dos pães e peixes, narrado pelos quatro evangelistas². O milagre é relatado em dois momentos por Mateus e por Marcos e uma vez por Lucas e por João.

Uma grande multidão de pessoas seguia Jesus, por causas dos sinais e milagres que ele já havia realizado. Quando viu essa multidão, Jesus logo sentiu

² Mt 14, 13-21; 15, 32-38; Mc 6, 34-44; 8, 1-9; Lc 9, 10-17; Jo 6, 1-15.

compaixão e percebendo que estavam famintos do verdadeiro alimento da vida, começou a instruir as pessoas com sua Palavra. Com o avanço das horas, os discípulos aconselharam a Jesus que despedisse as pessoas para que pudessem buscar alimento e abrigo, não por estarem preocupados com a necessidade do povo, mas porque não queriam assumir a responsabilidade sobre eles.

Como bom pastor, Jesus se preocupa com cada pessoa na sua integralidade humana e quis ensinar o mesmo aos seus discípulos. Em João 6, 5-6 essa atitude pedagógica de Jesus recebe um destaque. Ele questiona a Filipe sobre onde conseguirão pão o suficiente para alimentar a todos, colocando-o à prova, pois desejava ensinar os discípulos a assumirem todas as consequências do Evangelho, que inclui o cuidado com toda a dimensão humana também.

Em cada um dos evangelistas, os discípulos trazem até Jesus os dons partilhados pelo povo: cinco pães e dois peixes. Jesus toma os pães e peixes, dá graças ao Pai e distribui. Como explica Marques (2023, p. 257), este momento do relato tem “um claro significado eucarístico: a sucessão dos gestos que Jesus realiza (‘tomou os pães, pronunciou a bênção, partiu os pães e os deu aos discípulos’) é, de fato, a mesma que encontramos na última ceia”.

A relação da multiplicação dos pães e peixes com a Eucaristia como figura tipológica recebe um destaque especial no Evangelho de João, ao ser mencionado pelo evangelista que a festa da Páscoa estava próxima. Foi também durante a ceia da páscoa judaica que Jesus, o Cordeiro Pascal, instituiu o Mistério da Eucaristia.

Como afirma o Catecismo da Igreja Católica 1535, o próprio fato da multiplicação em si dos pães prefigura a superabundância da graça do único Corpo de Cristo multiplicado sobre os altares. De fato, na Eucaristia, assim como na multiplicação dos pães, Jesus não deixa ninguém de fora, mas sacia a todos que se aproximam dele. É a superabundância das graças que o Senhor quer transmitir a todos por meio do sacramento da Eucaristia, que sacia não somente o corpo, mas também a alma.

De igual modo, Jesus também apresenta aos que o recebem na Eucaristia, que comungar também é compromisso. Por isso, nos diz “[...] dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14, 16). Assim afirma o Papa Bento XVI em sua Exortação Apostólica:

Por conseguinte, as nossas comunidades, quando celebram a Eucaristia, devem consciencializar-se cada vez mais de que o

sacrifício de Jesus é por todos; e, assim, a Eucaristia impele todo o que acredita n'Ele a fazer-se “pão repartido” para os outros e, conseqüentemente, a empenhar-se por um mundo mais justo e fraterno (SACRAMENTUM CARITATIS, nº 88).

1.3.2 A Eucaristia nos sinóticos

Jesus em suas práticas, não buscou romper com o movimento da história da salvação do povo de Israel. Ele mesmo o afirma: “Não penseis que vim revogar a Lei e os Profetas. Não vim revogá-los, mas dar-lhes o pleno cumprimento” (Mt 5, 17). Nesse sentido, o Senhor utiliza dos sinais e práticas dados por Deus ao seu povo, introduzindo um novo e definitivo significado.

No mistério da Instituição da Eucaristia, Jesus realiza este movimento, ao celebrar a Última Ceia com seus Apóstolos. Assim afirma o CIC 1340, acerca do novo e definitivo sentido que o Senhor atribui a Páscoa judaica. Ferreira (2015, p. 15) explica que a festa da Páscoa judaica já possuía para os judeus, um caráter litúrgico-celebrativo, desde quando o povo hebreu passou a comemorar nela a libertação do Egito.

O autor supracitado segue abordando o aspecto celebrativo da Páscoa judaica como celebração de uma nova realidade de Israel, como um marco de início de vida nova, ação de graças a Deus por terem sido salvos. Já em Jesus Cristo, a celebração da Ceia Pascal cristã recebe um novo sentido, ela celebra a salvação do novo Povo de Deus, libertos da escravidão do pecado, através da Páscoa do Senhor, que se deu por sua Morte e Ressurreição (FERREIRA, 2015, p. 15).

Os elementos prefigurativos expostos até aqui buscaram apresentar uma melhor compreensão da Eucaristia como grande Dom de Deus, que planejou desde o início da história da salvação dar-se por inteiro sem reservas a cada pessoa humana. Mas é propriamente nos relatos da Instituição da Eucaristia, que este divino sacramento é apresentado como realidade dada por Jesus primeiramente aos apóstolos, para posteriormente ser continuada em memória dele.

No Novo Testamento, encontra-se quatro relatos da Instituição da Eucaristia: um relato em cada um dos sinóticos e um relato na primeira carta aos Coríntios. O Evangelho segundo João não traz propriamente o relato da Instituição da Eucaristia, mas no capítulo 6 é apresentado o discurso de Jesus, como o pão da vida, onde ele afirma que sua carne é verdadeira comida. João, no conjunto da história da paixão,

opta por trazer outra perspectiva sobre a narrativa da Última Ceia, que será abordado posteriormente.

Correia (2008, p. 203), ao analisar o relato da instituição da Eucaristia em cada um dos sinóticos, afirma que a primeira preocupação dos autores sagrados não era transmitir integral e rigorosamente o que Jesus disse e fez na Última Ceia. Mas apresentar a forma como as primeiras comunidades cristãs faziam memória e celebravam o acontecimento da Ceia Pascal, cumprindo o mandato do Senhor. Ou seja, os relatos possuem um caráter muito mais litúrgico das respectivas comunidades, do que propriamente descritivo.

Segundo o ponto de vista do autor citado, o fato de as narrativas possuírem aspectos diferentes no movimento de Jesus e em suas palavras justificam sua tese. Por exemplo, em Mateus e Marcos, Jesus faz o movimento de pegar o pão, abençoar e distribuir dizendo as palavras consagratórias. Em seguida faz o mesmo com o cálice com vinho. Já em Lucas, há um movimento inverso. Jesus primeiro diz que desejou ardentemente comer esta Páscoa com seus antes de sofrer sua Paixão, toma o cálice com vinho, dá graças e distribui dizendo as palavras consagratórias, que também se difere de Mateus e Marcos. Por conseguinte, pega o pão, dá graças, parte e distribui aos discípulos dizendo as palavras consagratórias. Por fim, Lucas narra novamente que Jesus pega o cálice e diz: “Este cálice é a Nova Aliança em meu sangue, que é derramado em favor de vós” (Lc 22, 20).

O fato de as narrativas possuírem aspectos diferentes quanto a sequência de gestos e palavras e a ausência de uma descrição minuciosa sobre como foi a Última Ceia, não reduz em nada a verdade de fé acerca da presença real do Corpo e do Sangue do Senhor na Eucaristia e o modo como Jesus quis que a sua memória se atualizasse a cada Celebração da Páscoa Cristã, ou seja, a cada Santa Missa. Na verdade, a partir das múltiplas tradições da narrativa da Última Ceia, chega-se à compreensão daquilo que é verdadeiramente essencial para a ação litúrgica.

Aldazábal (2010, p. 80) observa a profunda relação entre a Última Ceia e a Paixão do Senhor disposta nos sinóticos como pertencente ao conjunto da história da Paixão. De fato, a celebração da Ceia e a Eucaristia apontam para a morte salvadora de Cristo. É possível apreender o sentido sacrificial da Última Ceia através da linguagem utilizada por Jesus em cada um dos sinóticos: “Isto é o meu corpo que é dado por vós”; “meu sangue, que é derramado em favor de vós” (Lc 22, 19-20); “isto

é o meu sangue, [...] que é derramado por muitos para remissão dos pecados” (Mt 26, 28).

Se na Ceia Pascal judaica se imolava um cordeiro puro por família, sendo necessário fazer um novo sacrifício a cada Páscoa celebrada. Na Última Ceia, Jesus oferece também o sacrifício de um Cordeiro, puro, sem mancha, oferecendo-se a si mesmo no calvário. Um sacrifício único e definitivo, que se atualiza a cada Eucaristia celebrada. Ele institui o sacrifício eucarístico de seu corpo e sangue a fim de que, por ele, perdure o sacrifício da cruz até sua vinda.

O nosso Salvador instituiu na última Ceia, na noite em que foi entregue, o Sacrifício eucarístico do seu Corpo e do seu Sangue para perpetuar pelo decorrer dos séculos, até Ele voltar, o Sacrifício da cruz, confiando à Igreja, sua esposa amada, o memorial da sua morte e ressurreição [...] (SACROSANCTUM CONCILIUM, nº 47).

A Ceia Pascal, instituída por Jesus Cristo, se torna uma verdadeira doação que ele faz de si mesmo, duplamente. Através da oferta de si como Cordeiro imolado e através da entrega de seu Corpo e Sangue no sacramento da Eucaristia. O Cristo se entrega por inteiro no sacramento e conduz aquele que o comunga a fazer o mesmo, através da comunhão fraterna na caridade.

1.3.3 A Eucaristia após a Ressurreição de Jesus

Após a ressurreição de Jesus, os discípulos foram aos poucos tomando consciência sobre a Eucaristia, que foi instituída por Jesus para ser o centro de comunhão entre os irmãos em Cristo com o seu Deus. O evangelista Lucas apresenta como o próprio Cristo Ressuscitado abriu os olhos dos discípulos de Emaús através do partir do Pão Eucarístico (Lc 24, 13-35).

Nesse sentido, Correia (2008, p. 207) observa como a Eucaristia se tornou o lugar da descoberta de Jesus Ressuscitado, não somente para os discípulos de Emaús, mas também para as primeiras comunidades cristãs que se reuniam assiduamente para a Fração do Pão (At 2, 42). É importante ainda ressaltar, que já nas primeiras comunidades, a Fração do Pão estava sempre ligada à escuta da Palavra e à partilha e serviço aos irmãos.

Como fora dito anteriormente, além dos sinóticos, há um outro relato acerca da noite da Instituição da Eucaristia narrada na Primeira Carta de Paulo aos Coríntios (1Cor 11, 23-26). Paulo apresenta o relato da Última Ceia com um objetivo diferente dos sinóticos, que narraram sob o contexto dos relatos da história da Paixão do Senhor. O Apóstolo recorda à comunidade de Corinto o que já havia transmitido oralmente a eles sobre a Ceia do Senhor e a realidade da presença do Corpo e Sangue de Jesus nas espécies do pão e do vinho, com o objetivo de argumentar contra a falta de fraternidade em Corinto.

Segundo Aldazábal (2010, p. 60), há uma grande probabilidade de que o relato de Paulo sobre a Ceia do Senhor seja o primeiro escrito que temos posse, em ordem cronológica, por volta do ano 55. Como é descrito na carta, a comunidade de Corinto buscava pôr em prática a tradição oral recebida de cumprir o mandato do Senhor, celebrando a mesma Ceia Pascal em memória dele.

Como bem observa Ferreira (2015, p. 49), os primeiros cristãos, desde o princípio, foram tomando consciência de que “esta refeição solene caracterizava a nova e máxima expressão cültica do Novo Testamento”. Os cristãos se reuniam em pequenas comunidades, em casas particulares, onde cada membro da comunidade partilhava o necessário para a realização de um banquete comum e para a celebração do memorial da Ceia do Senhor. Foi o próprio Apóstolo Paulo, enquanto fundador dessa comunidade cristã, quem os introduziu na práxis litúrgica e celebrativa da Eucaristia. Contudo, na ausência de Paulo, algumas práticas e nada evangélicas e alheias à tradição recebida foram acrescentadas.

Paulo adverte a comunidade de Corinto acerca de sua postura em meio as suas assembleias celebrativas, por perderem o caráter cultual de refeição em memória do Senhor. A busca pela própria satisfação egoísta, corrompeu a comunidade de modo a deixarem a celebração do memorial do Senhor como prática secundária da reunião da comunidade. Em meio a isso, os pobres foram deixados de lado, à margem do Banquete do Senhor, tendo em vista de que os que tinham condição financeira, realizavam a própria Ceia, ignorando a lei evangélica da partilha (FERREIRA, 2015, p. 50).

Aldazábal (2010, p. 94) observa que a exortação de Paulo não se dá exatamente pelo descuido litúrgico com a Ceia do Senhor, através da Eucaristia mal

celebrada, ou pelos abusos na comida e na bebida, mas se dá principalmente pelo pecado contra os irmãos deixados à margem.

Em consonância com Ferreira (2015, p. 51), compreende-se que o Apóstolo busca enfatizar à comunidade de Corinto de que a Ceia do Senhor é centro e fonte de toda a unidade cristã. A cada vez que se come e bebe do Corpo e Sangue do Senhor, se recorda o mistério de sua Morte e Ressurreição, realizado para a salvação de todos, indistintamente. De igual modo, a Ceia do Senhor foi instituída por Jesus para todos, e aqueles que tomam parte de sua mesa, devem eliminar todas as distinções de classe ou outros tipos de segregações humanas.

Participar do Banquete Eucarístico é intrinsecamente fazer comunhão com o Senhor e com os irmãos. São Paulo deixa claro que a Eucaristia nos compromete com os mais pobres e marginalizados. É evidente que o Apóstolo também zelava pela prática litúrgica, contudo, observa-se nessa passagem que a negligência para com os pobres, o preocupava ainda mais do que os abusos rituais (FERREIRA, 2015, p. 52).

Não menos importante, em 1Cor 10, 14-22, Paulo traz à comunidade de Corinto uma exortação a partir de sua teologia da Eucaristia, sobre a verdadeira comunhão com o Senhor a partir da Eucaristia. Como explica Aldazábal (2010, p. 99), a comunhão com o Corpo e Sangue de Jesus produz ao mesmo tempo uma dupla comunhão: uma vertical e uma horizontal. É ao mesmo tempo se comprometer a estar unido a Jesus e aos irmãos, que unidos formam um único Corpo Místico de Cristo, assumindo todas as consequências e exigências desse compromisso.

1.4 A Eucaristia no Evangelho segundo João: a dimensão do serviço

O Evangelho segundo João traz um aspecto inusitado acerca da Eucaristia. Diferente dos sinóticos, o evangelista optou por não trazer a narrativa da Instituição da Eucaristia na passagem da Última Ceia. Mas, como afirma Aldazábal (2010, p. 102), este é o Evangelho que mais se aprofunda teologicamente na compreensão deste augusto sacramento. Isso se dá especialmente no capítulo 6 onde anuncia a doutrina da Eucaristia como verdadeiro alimento do seu Corpo e do seu Sangue. O

Sangue e Água que saem do lado aberto de Cristo, no capítulo 19. Bem como no capítulo 13 onde relaciona diretamente a última Ceia com o serviço aos irmãos.

1.4.1 A Eucaristia no discurso do Pão da Vida

O capítulo 6 do Evangelho segundo João inicia narrando acerca do milagre da multiplicação dos pães, como já fora abordado anteriormente. Mais à frente, a partir do v. 22, a multidão que havia sido alimentada no dia anterior, busca novamente Jesus, agora não mais pelos sinais, mas por desejarem novamente o alimento desconhecido por eles, que os saciaram de uma forma nunca sentida antes.

Jesus inicia então o discurso do Pão da Vida, anunciando que Ele é o verdadeiro pão que veio do céu, o alimento que sacia não somente o corpo, mas também a alma. Os judeus ao ouvirem Jesus dizer que ele é o verdadeiro Pão do Céu, começaram a murmurar, assim como fizeram seus pais no deserto ao murmurarem contra o maná (Jo 6, 41; Nm 21, 5).

Como afirma Aldazábal (2010, p. 107), Jesus se apresenta numa posição superior a Moisés, aquele que intercedeu ao Senhor para conseguir o alimento para os hebreus no deserto. Jesus se autodeclara como, junto do Pai, o Deus provedor de um alimento superior ao maná, um alimento de imortalidade. É Jesus se revelando ao povo como o “Eu sou” e ao mesmo tempo como o enviado por Deus: “Eu sou o pão vivo descido do céu. [...] O pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo.” (Jo 6, 51).

Na passagem, Jesus segue afirmando que o alimento que ele irá oferecer é a sua própria carne e o seu sangue e reafirma a necessidade de comer deste alimento para receber a vida eterna. Aldazábal (2010, p. 115) aponta para o novo condicionamento dado por Jesus para receber a salvação: não basta apenas crer nele para ser salvo, é necessário também ter comunhão com ele comendo sua carne e seu sangue na Eucaristia.

Agora não se trata apenas do pão da sabedoria que o Pai dá, por meio do ensinamento de Jesus, mas do Pão que Jesus dá: sua carne, a

vida humana da qual ele vai se despojar para que o mundo tenha vida (MAIA, 2010, p. 220).

Aldazábal (2010, p. 107) observa ainda a originalidade do evangelista João em comparação com os outros evangelistas e Paulo, ao utilizar o termo carne-sangue ao invés de corpo-sangue. Há também um interessante paralelismo entre Jo 6, 51³ e os sinóticos⁴, quase como uma antecipação da narrativa da Instituição da Eucaristia, tendo em vista que João optou por não a inserir em sua versão do Evangelho.

Por fim, como já fora dito, o evangelista João opta por não trazer em seu Evangelho a narrativa instituição da Eucaristia, contudo, sabe-se que ele escreve a uma comunidade que já celebra a Eucaristia há tempo. Por isso, não pode deixar de referir-se à Eucaristia quando relaciona os termos “pão”, “comer-beber”, “carne-sangue” (ALDAZÁBAL, 2010, p. 114). Em João 6, há uma clara referência aos gestos eucarísticos do Senhor no milagre da multiplicação:

O Evangelista João não narra a Instituição da Eucaristia; mas a comunidade joanina é, ao lado de Paulo (1Cor 11,23-25), uma grande testemunha da Eucaristia na Igreja primitiva. E isto se deve ao capítulo seis que tem como pano de fundo, nos seus sinais e discursos, a celebração eucarística. Sob este ponto de vista, o evangelista, neste relato, reveste da maior importância o agir de Jesus, ao destacar seu caráter hierático e solene: **ergueu os olhos (6,5), tomou os pães (6,11), deu graças (6,11), distribuiu-os (6,11)**. Posto em paralelo com o texto de Lc 22,19 pode-se perceber sua dimensão eucarística: **Tomou o pão, deu graças, o partiu e o deu** (MAIA, 2010, p. 214, grifo da autora).

1.4.2 A Eucaristia emanada do lado aberto de Cristo

Em João 19, 31-37, o evangelista narra o momento em que Jesus, que havia acabado de morrer, teve o seu lado transpassado pela lança por um soldado romano. E do coração perfurado de Jesus saiu, com a lança, sangue e água.

Desde os primórdios da Igreja, encontra-se entre os Padres da Igreja a compreensão de que nesta passagem é possível extrair ao menos dois aspectos

³ “[...]O pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo”.

⁴ “E tomou um pão, deu graças, partiu e distribuiu-o a eles, dizendo. ‘Isto é o meu corpo que é dado por vós. Fazei isto em minha memória’ (Lc 22, 19).

teológicos. O primeiro aspecto, é a analogia entre a imagem do lado aberto de Cristo e a imagem de Adão e Eva. Cristo é reconhecido como o novo Adão e de seu lado aberto, foi criada a sua esposa que é a Igreja (LÉON-DUFOUR, 1998, p. 120).

São João Crisóstomo apresenta esta imagem em sua catequese batismal nº 3:

[...] Pois assim como Deus formou a mulher do lado do homem, também Cristo, de seu lado, nos deu a água e o sangue para que surgisse a Igreja. E assim como Deus abriu o lado de Adão enquanto ele dormia, também Cristo nos deu a água e o sangue durante o sono de sua morte. (JOÃO CRISÓSTOMO, 2003, p. 599).

Um segundo aspecto teológico, inferido também por São João Crisóstomo na mesma catequese, é a compreensão de que o sangue e água jorrados do lado aberto de Cristo tipificam respectivamente os sacramentos da Eucaristia e do Batismo.

[...] Estando Jesus já morto e ainda pregado na cruz, diz o evangelista, um soldado aproximou-se, feriu-lhe o lado com uma lança, e imediatamente saiu água e sangue: a água, como símbolo do batismo; o sangue, como símbolo da eucaristia. (JOÃO CRISÓSTOMO, 2003, p. 599).

Neste sentido, São João ensina que do Coração ferido de Jesus emana toda a Graça necessária para a vida de todo cristão: a vida nova pelo Batismo e o alimento que sustenta esta vida nova, a Eucaristia.

1.4.3 Lava-pés: a relação entre Eucaristia e serviço

Apesar do Evangelho de João não trazer a narrativa da Instituição, ele pode ser considerado o Evangelho da Eucaristia por excelência, como afirma Correia (2008, p. 211). Além do que já fora exposto acerca dos capítulos 6 e 19 do Evangelho, destaca-se que João dedica 5 capítulos do seu livro à Última Refeição de Jesus.

Não se sabe ao certo a motivação de João em não trazer a narrativa da Instituição da Eucaristia, mesmo dedicando um grande espaço do seu livro às falas de Jesus na Ceia de sua despedida. É fato que o autor sagrado conhecia muito bem a narrativa da Instituição, tendo em vista que os cristãos já celebravam a Eucaristia há aproximadamente 50 anos. E talvez por este motivo decidiu omitir a narrativa da Instituição, pois já era muito bem conhecida em sua comunidade e talvez não houvesse problemas quanto a prática sacramental (CORREIA, 2008, p. 211).

O autor supracitado, segue ainda com importantes apontamentos sobre o evangelho joanino. O evangelista opta por transmitir o rito do lava-pés manifestando perfeitamente o significado prático da Eucaristia. Há uma profunda relação entre a Instituição da Eucaristia e o lava-pés, de modo que um não faz sentido pleno se não for acompanhado do outro. Diferente dos sinóticos, em João, a Última Ceia ocorre antes do dia da Páscoa. Assim como o rito da Instituição nos sinóticos, o rito do lava-pés em João, têm lugar na Última Ceia, na presença dos discípulos e no final, Jesus pede para que eles o repitam posteriormente.

Na narrativa do lava-pés em Jo 13, 1-20, Jesus se levanta da mesa, depõe seu manto e amarra na cintura uma toalha. Konings (2020, p. 489) compreende neste gesto, que Jesus se depõe do manto de mestre e se reveste com o pano do servo/escravo. É o verdadeiro esvaziamento de Jesus, a sua *kénōsis*⁵. No lava-pés, ele não realiza apenas uma boa ação para com seus discípulos, ensinando-os a fazer o bem. Mas é uma atitude essencial e indispensável de Jesus, que veio para se doar inteiramente pela humanidade. É o cumprimento da sua grande missão.

Pedro não compreende o gesto de Jesus no primeiro momento. Não somente ele, mas nenhum dos discípulos são capazes de compreender ainda. Isso se deve ao fato de que o lava-pés, assim como a Eucaristia, só encontram sentido pleno no mistério da morte e ressurreição do Senhor. O Cristo, que não se apegou a sua condição divina, mas doa a si mesmo inteiramente.

⁵ *Κένωσις*. Termo utilizado em Fl 2,7, que pode significar esvaziamento, despojamento. Onde se diz que Jesus "esvaziou-se a si mesmo" ou "se despojou, tomando a forma de escravo". Este conceito é mais utilizado para tratar a expressão da máxima humildade de Jesus no mistério da Encarnação, assumindo a frágil condição humana e no mistério de sua morte na cruz, assumindo para si as nossas culpas (DOUGLAS, 1991, p. 902). De uma maneira interessante, Konings (2020, p. 490) utiliza este mesmo termo e conceito de esvaziamento para tratar da humildade de Jesus no lava-pés, realizando tarefa de um escravo.

Sob esse olhar, Santos (2023, p.159) compreende que:

[...] À semelhança da Eucaristia, o “lava-pés” expressa a doação de Jesus até a morte, com o fim de tornar-se um memorial na Igreja: “Se eu, vosso Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar-vos os pés uns dos outros” (Jo 13,14).

O lava-pés não é um acontecimento à parte na Última Ceia, um movimento desconexo do todo. Como afirma Beutler (2016, p. 328), o lava-pés mostra, de algum modo, “o lado interior da Eucaristia”. Para participar da Eucaristia em verdade e no mesmo espírito que o de Cristo, é necessário a disposição interior para amar e servir. Neste sentido, Guzmán (2018, p. 12) acrescenta que João atribui ao lava-pés, o significado que a Eucaristia recebe, de vida sacrificada por amor, caridade que serve até a morte.

Há, diante do exposto, uma profunda relação entre Eucaristia e serviço, instituída pelo Senhor e deixada como testamento aos seus seguidores. Nesse mesmo ponto de vista, disse o Papa Francisco em uma homilia proferida durante uma das missas matutinas celebrada na capela da casa Santa Marta:

[...] eis “o testamento do Senhor. Oferece-se como alimento e bebida e diz-nos: amai-vos assim. Lava os pés, dizendo-nos: servi-vos assim, mas prestai atenção, o servo nunca é maior do que aquele que o envia”. (FRANCISCO, 2018a).

Jesus deixa na Última Ceia aos seus seguidores um novo mandamento: “amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 15,12). O Santo Padre observa, no entanto, durante a mesma homilia, que Jesus deixa na verdade dois novos mandamentos: “do amor e do serviço” (FRANCISCO, 2018a).

Jesus entrega a si mesmo inteiramente na comunhão e pede àquele que o recebe, que faça o mesmo, doando-se a si mesmo no serviço aos irmãos. Como observa Guzmán (2018, p. 33), o lava-pés, ou seja, a disposição de servir, é a condição para participar da comunhão com o Mestre e Senhor. Não como um serviço imposto, mas uma disposição que nasce da espontaneidade do amor.

1.5 Considerações finais do capítulo

Este primeiro capítulo buscou discorrer acerca da Eucaristia como este grande dom de Deus, que se doa inteiramente aos seus amados. Ela é o alimento espiritual para a vida eterna, desejada por Deus, preparada na história e prefigurada no Antigo Testamento. Este movimento pode ser inferido através de algumas figuras do Antigo Testamento, que relacionadas à Eucaristia, servem como tipologias, imagens que apontam para este grande Mistério de Salvação.

A Eucaristia foi instituída pelo próprio Cristo na Ceia da sua despedida e confiada aos seus discípulos, para que fizessem os mesmos gestos e palavras, em sua memória, como é apresentado nos sinóticos e por Paulo na primeira carta aos Coríntios.

Este capítulo também buscou refletir acerca do problema central deste trabalho monográfico, expondo de que modo a Eucaristia está relacionada ao serviço aos irmãos e de que modo essa relação se apresenta na Sagrada Escritura. O evangelista João traz uma perspectiva teológica sobre a Eucaristia inusitada em comparação com os sinóticos. Ele opta por não narrar diretamente a Instituição da Eucaristia na narrativa da Última Ceia, no entanto, tece um riquíssimo discurso eucarístico no capítulo 6 de seu Evangelho.

O autor sagrado não ignora simplesmente a narrativa da Instituição na Ceia da despedida, mas escolhe expressar o aspecto interior da Eucaristia, o seu sentido na vida dos que a comungam. Este alimento de vida eterna está profundamente ligado ao Mistério Salvífico da Crucificação, Morte e Ressurreição de Jesus, da sua entrega total por amor. Como na cruz, o Cristo se entrega por inteiro na Eucaristia, doando a sua Carne e o seu Sangue aos que são alimentados por Ele. E do mesmo modo, na Última Ceia, se doa inteiramente, através do serviço, lavando os pés de seus discípulos.

Por fim, assim como Jesus nos sinóticos ordenou que os discípulos repetissem o seu gesto da Fração do Pão em sua memória, ordena no Evangelho de João no lava-pés, que os discípulos façam o mesmo, uns com os outros, como testamento em sua memória, para terem comunhão com o Senhor. A Eucaristia e o serviço se relacionam em um mistério só de autodoação total ao outro. Tal como Cristo se

entrega totalmente por seus discípulos, pede igualmente que os seus seguidores se doem inteiramente, através do serviço.

CAPÍTULO II

A Eucaristia nos conduz para o serviço aos irmãos mais necessitados

2.1 Introdução

Há mais de vinte séculos a Igreja celebra a Eucaristia, cumprindo o mandato do Senhor. Não como uma repetição inanimada, mas como uma celebração viva, a presença do Senhor que se atualiza no mistério do Sacramento (ALDAZÁBAL, 2010, p. 128).

Os primeiros cristãos já compreendiam a centralidade da Ceia do Senhor na vida de fé de suas comunidades. Compreendiam também a centralidade dos pobres na mensagem do Evangelho. A Ceia, que num primeiro momento possuía mais um caráter de uma refeição ritual celebrativa em memória do Senhor, mas, que com o passar dos anos, vai se desenvolvendo como uma celebração litúrgica, junto ao amadurecimento da fé dos cristãos (FERREIRA, 2015, p. 54).

O desenvolvimento teológico da Igreja parte de sua fé como resposta à Palavra revelada por Deus. A Celebração da Eucaristia encontra seu sentido pleno na Igreja e pela Igreja. “A Eucaristia edifica a Igreja e a Igreja faz a eucaristia” (ECCLESIA DE EUCHARISTIA, nº 26). Foi confiada à Igreja, por seu Divino Mestre, a tarefa de transmitir eficazmente a Palavra viva revelada por Deus e interpretada pelo Magistério da Igreja (ALDAZÁBAL, 2010, p. 129).

O Magistério do Concílio Ecumênico Vaticano II estimulou um importante movimento de retorno às fontes da Revelação na Sagrada Escritura e na viva Tradição dos Padres, para que o povo de Deus seja cada vez mais enriquecido com seus frutos e edificados no caminho da salvação (DEI VERBUM, nº 23).

Este capítulo pretende apresentar o proposto caminho de retorno às fontes. Tendo já exposto a íntima relação entre Eucaristia e serviço aos pobres na Sagrada Escritura, buscará responder o problema: Existe alguma relação entre a Eucaristia e o serviço aos irmãos na Tradição e no Magistério da Igreja?

Para isso, será abordado num primeiro momento quem são os Padres da Igreja, em seguida o desenvolvimento teológico e litúrgico no início do período patrístico. Logo após, será exposto trechos de escritos patrísticos que abordem a relação entre a Eucaristia e o cuidado com os pobres.

No segundo momento será apresentado o desenvolvimento desses ensinamentos dos Padres da Igreja no Magistério recente após o Concílio Vaticano II. Por fim, será explanado alguns dos ensinamentos do Papa Francisco sobre a Eucaristia como fonte de serviço aos pobres em diversas reflexões durante seu pontificado.

2.2 A Eucaristia e a caridade para com os pobres nos Padres da Igreja

O período patrístico pode ser compreendido como o tempo áureo da literatura cristã. Ele sucede o período apostólico da Igreja, onde os diversos autores são chamados de Padres da Igreja. Os escritos deste período possuem características singulares e fundamentais quanto ao desenvolvimento da doutrina e dogmas da Igreja (FERREIRA, 2015, p. 54).

A importância dos Padres da Igreja se dá, dentre tantas razões, pelo vínculo profundo de seus ensinamentos com a Escritura; por suas reflexões que deram os meios para a formulação dos princípios fundamentais da fé promulgados nos primeiros concílios; por ajudarem a firmar a estrutura básica da liturgia eclesial e da própria organização dos ministérios (COSTA, 2023, p. 141).

O título de Padres ou Pais da Igreja que esses autores recebem não faz referência ao ministério ordenado, uma vez que entre eles há a presença de leigos, além de sacerdotes. Mas, faz referência à paternidade que exercem na fé cristã, através de suas inúmeras contribuições (DROBNER, 2008, p. 11).

Por se situarem logo nos primeiros séculos após o período apostólico, os Padres da Igreja foram os primeiros a receberem a transmissão da fé apostólica. O principal contributo dos Padres foi a sistematização do conteúdo da Revelação recebida, crida e vivida na Igreja. Neste sentido, a doutrina desenvolvida pelos Padres é fruto de uma vida de fé, da prática litúrgica e da caridade entre os irmãos (COSTA, 2023, p. 141).

Contudo, a sistematização da fé não era objetivo final dos Padres da Igreja, eles desejavam com o desenvolvimento da ortodoxia, promover a ortopraxia. Ou seja, os Padres compreendiam que a reflexão teológica encontrava sua realização quando

frutificava no correto exercício da vida cristã, quando se desdobrava em obras de misericórdia no dia a dia para com os irmãos (GOMES, 1980, p. 12).

2.2.1 O desenvolvimento teológico e litúrgico da Eucaristia nos Padres da Igreja

Desde os primórdios do cristianismo, a Ceia Eucarística constituiu o ponto central da vida das primeiras comunidades. Num primeiro momento, apenas como práxis litúrgica e celebrativa, como alimento e cultivo da fé. Mas logo num segundo momento, também como objeto de investigação e reflexão teológica (FERREIRA, 2015, p. 54).

Inicialmente, havia duas liturgias praticadas entre os cristãos primitivos: a do templo, nas sinagogas conforme a tradição judaica e a liturgia mais propriamente cristã, marcada pela refeição do Ágape e pela Fração do Pão, conforme o mandato do Senhor. Esta segunda liturgia era praticada na casa de algum membro da comunidade, que dispunha de uma melhor estrutura para acolher um maior grupo de pessoas, denominadas posteriormente de *domus ecclesiae* (FERREIRA, 2015, p. 54).

O Ágape consistia numa refeição fraterna entre a comunidade cristã local, essas reuniões tinham um objetivo de cultivar a fraternidade, de partilhar o alimento e a vida. Eram também ocasião de beneficência para as pobres, através de donativos. Em algumas comunidades, realizava-se o Ágape após a Fração do Pão, denominada posteriormente de Eucaristia. Em outras comunidades, o Ágape ocorria antes da Fração do Pão (ALDAZÁBAL, 2010, p. 132).

O aumento do número de cristãos foi produzindo alterações no modo de celebrar a Ceia do Senhor. Também a mudança de ambiente, que para algumas culturas, como por exemplo a helênica que possuíam costumes e sensibilidades diferentes do mundo palestino-judeu, influenciaram no modo como os cristãos se reuniam. Nas comunidades helênicas, não se realizava o ágape, mas apenas a Fração do Pão (FERREIRA, 2015, p. 54).

As comunidades cristãs que ainda frequentavam o templo, vão deixando as práticas litúrgicas da sinagoga, vivenciando apenas a liturgia da Ceia do Senhor. Há

um desenvolvimento na compreensão acerca da Ceia, que Borobio (2005, p. 52) chama de “liturgização”, afastando-se um tanto do caráter de refeição fraterna, para uma celebração litúrgica ordenada, com leituras e orações de ação de graças.

Pouco a pouco a comunidade cristã foi se tornando independente do mundo cultural judeu, acentuando o específico cristão: e uma das dimensões em que se notou esta evolução teria sido o marco de uma refeição para o sacramento (ADALZÁBAL, 2010, p. 132).

Outro fato importante a se destacar neste processo, é que a celebração, chamada até então de muitos modos, como “Fração do Pão”, “Ceia do Senhor”, passa a ser chamada de “Eucaristia”, transmitindo um maior sentido para a ação de graças a Deus pelos dons da criação, através do pão e vinho; pelos dons dos homens, na sabedoria e conhecimento; e pelos dons da salvação através de Jesus (BOROBIO, 2005, p. 52).

Um grande exemplo se encontra na *Didaqué*, um dos escritos cristãos mais antigos já encontrados, provavelmente do final do I século, conhecido como catecismo dos apóstolos, apesar de não ser de autoria deles (GOMES, 1980, p. 29). Os capítulos 9 e 10 apresentam essa dimensão da oração de ação de graças e benção sobre o pão e o vinho usados na celebração.

Quanto à Eucaristia, dai graças desse modo: primeiro sobre o cálice: “Nós te damos graças, nosso Pai, pela santa vinha de David, teu servo, que nos destes a conhecer pelo teu servo Jesus. Glória a Ti pelos séculos”. Depois sobre o pão partido: “Nós te damos graças, nosso Pai, pela vida e pela ciência que nos revelastes por Jesus, teu servo. Glória a Ti pelos séculos [...]”.

Depois de saciados, dai graças deste modo: “Nós te damos graças, Pai santo, pelo teu nome, que fizeste habitar em nossos corações, e pelo conhecimento, fé e imortalidade, que nos revelaste por Jesus, teu servo. Gloria a Ti pelos séculos” (DIDAQUÉ, 2003, p. 96-97).

No segundo século já se encontram escritos que descrevem um maior desenvolvimento na liturgia da Ceia do Senhor. Na Primeira Apologia de São Justino, capítulo 67, o filósofo cristão a fim de explicar ao imperador Antonino Pio a fé e as práticas cristãs como um modo de vida que não ameaça o Estado, mas que contribui

à sociedade, aborda, dentre muitos temas, sobre as práticas litúrgicas realizada pelos cristãos (ADALZÁBAL, 2010, p. 140).

E, no chamado dia do Sol, reúnem-se num mesmo lugar todos os que moram nas cidades ou nos campos, e leem-se, na medida em que o tempo o permite, as memórias dos Apóstolos e os escritos dos Profetas. Quando o leitor termina, o presidente toma a palavra para fazer uma exortação, convidando os presentes a imitar tão belos ensinamentos.

A seguir pomos-nos todos de pé e elevamos as nossas preces e, como já dissemos, logo que as preces terminam, apresenta-se pão, vinho e água. Então, aquele que preside eleva, com todo o fervor, preces e ações de graças, e o povo aclama: Amém. Depois procede-se à distribuição dos dons sobre os quais foi pronunciada a ação de graças; cada um dos presentes participa deles, e os diáconos levam-nos também aos ausentes (JUSTINO DE ROMA, 2003, p. 140-141).

Percebe-se através deste escrito, a valorização da escuta da Palavra unida à Eucaristia. É o surgimento da liturgia da Palavra, mesmo que ainda sem a compreensão atual acerca da liturgia da Palavra e da Eucaristia, os cristãos já reconheciam a necessidade do alimento fé através da escuta da Palavra, não somente pelos livros do Antigo Testamento, mas pelos escritos do Novo Testamento que a comunidade possuía. Seguia-se com a homilia realizada pelo presidente da celebração e com a oração dos fiéis e, por fim, o ósculo da paz (BOROBIO, 2005, p. 102).

Após este primeiro momento celebrativo em torno da Palavra, inicia-se o momento em que os dons do pão, vinho e água são apresentados. É importante frisar que já no século II se adicionava um pouco de água junto ao vinho. Não se sabe ao certo, a motivação, mas é possível que seja devido ao elevado teor alcoólico. O presidente pronuncia sobre o pão e o vinho uma grande oração de ação de graças, de maneira ainda flexível e um tanto espontânea. Estava sendo formadas as primeiras orações eucarísticas.

Encontramos em Justino uma ideia interessante sobre como se vai formando a oração eucarística central: chama-se “ação de graças”, “louvor e glória”; é o presidente que a pronuncia “segundo o poder que há nele” que certamente se refere à sua capacidade literária, num marco ainda flexível de espontaneidade; dirige-se esta oração “ao Pai de todas as coisas”, “pelo nome do Filho e do Espírito Santo”; seu conteúdo pode ser conhecido em parte pela alusão que Justino faz no *Diálogo com Trifão*: graças são dadas ao Pai “porque fomos feitos dignos destas coisas”, “por ter criado o mundo e tudo que há nele por

amor ao ser humano”, “por ter-nos livrado da maldade”; (ADALZÁBAL, 2010, p. 143).

2.2.2 A Eucaristia e o compromisso com os pobres segundo os Padres da Igreja

É notável como desde os primórdios da Igreja, a celebração da Ceia do Senhor era o centro e o ápice da vida cristã. A partir dos escritos dos Padres, percebe-se como a liturgia e a reflexão sobre o mistério da Eucaristia foi se desenvolvendo a partir da própria celebração da Eucaristia.

Como afirma Ferreira (2015, p. 55), os Padres da Igreja compreendiam que o lugar privilegiado para reflexão acerca do Mistério presente na Ceia do Senhor era a própria celebração. Os Padres estudavam e aprofundavam a Eucaristia e os outros sacramentos no culto e a partir do culto, a fim de atingir o coração do Mistério. Era na Eucaristia e a partir da Eucaristia que se desenvolvia todo pensamento teológico e a prática pastoral da Igreja. Em suma, a Eucaristia era a fonte para todos os aspectos da vida de cada cristão.

A Eucaristia, portanto, era fonte para a reflexão dos Mistérios de Deus, mas não somente, era também fonte de reflexão sobre como agir com os irmãos. A Eucaristia sempre foi compreendida como fonte da partilha e da caridade. Não se pode viver a Eucaristia plenamente sem se preocupar com as necessidades dos irmãos. São Justino já destacava, que em cada celebração, a comunidade tinha o cuidado de socorrer os necessitados

Depois procede-se à distribuição dos dons sobre os quais foi pronunciada a acção de graças; cada um dos presentes participa deles, e os diáconos levam-nos também aos ausentes.

Os que vivem em abundância e querem repartir, dão, cada um o que lhe apraz e parece bem. E o que se recolhe é deposto aos pés daquele que preside, e ele, por seu turno, presta assistência aos órfãos, às viúvas, aos doentes, aos pobres, aos prisioneiros, aos estrangeiros de passagem, numa palavra, a todos os que sofrem necessidade (JUSTINO DE ROMA, 2003, p. 141).

Ferreira (2015, p. 60) observa que para Justino, não basta apenas uma mera participação na Ceia do Senhor, sem que esta não conduza o participante à realização de atitudes concretas, sobretudo em favor dos pobres, prolongando na vida o que foi

celebrado no culto. Essa deve ser a atitude daqueles que foram iluminados pelo batismo e que encontram na Eucaristia o ápice da iniciação cristã, sendo alimentados pelo Corpo do Senhor e buscando viver a sua doutrina.

Borobio (2005, p. 103) observa neste trecho da Apologia de Justino, que o autor põe em relevo ao imperador a dimensão fraterna, caritativa e social de cada Eucaristia celebrada, no qual se comprometem os que dela participam. Aldazábal (2010, p. 144) destaca essa atenção aos necessitados como uma consequência necessária da Eucaristia presente no texto de Justino, uma caridade fraterna organizada aos moldes Paulinos, onde o presidente da celebração se ocupa do ministério da caridade.

Outro Padre da Igreja que destaca com precisão a íntima relação entre a Eucaristia e o serviço aos mais necessitados, é o bispo e patriarca de Constantinopla, São João Crisóstomo. Ele ressalta que para se fazer digno de participar da mesa do Senhor, é necessário se fazer presente também na mesa do Cristo que sofre nos pobres. Assim Crisóstomo afirma em uma de suas famosas homilias:

Sei que falo em vão, mas nem por isso deixarei de o fazer. Mesmo que não obedeçais todos, também nem todos se irão opor... Alimentemos a Cristo, dêmos-Lhe de beber, visitemo-l'O. Estas coisas são dignas daquela mesa (JOÃO CRISÓSTOMO, 2003, p. 629).

São João Crisóstomo, conhecido como boca de ouro, é um dos Padres da Igreja mais conhecidos por suas fervorosas pregações, principalmente sobre a Eucaristia e por seu zelo pastoral em favor dos pobres (GOMES, 1980, p. 279). Crisóstomo exortava em suas homilias, que não há distinção na mesa do Senhor, onde Cristo entrega a sua carne na Eucaristia a todos. A Ceia do Senhor é a referência para a vida, onde não há distinção entre as pessoas.

Ninguém, neste dia, pode estar triste, nem sequer por causa da pobreza, porque se trata de uma festa espiritual... na qual desaparece toda a desigualdade e onde há a mesma mesa para o rico e para o pobre, para o escravo e para o livre. Se és rico, não tens, por essa razão, mais que o pobre, e, se és pobre, também não tens menos que o rico..., porque a graça é divina e não leva em conta a diversidade das pessoas... A mesma mesa está posta para aquele que cinge o diadema, se veste de púrpura e tem poder sobre toda a terra, e para o mendigo que está sentado a pedir esmola... (JOÃO CRISÓSTOMO, 2003, p. 619).

Como afirma Ferreira (2015, p. 67), São João Crisóstomo possui uma alta estima pelos mais pobres e abandonados, considerando-os como membros mais elevados do Corpo Místico de Cristo. Crisóstomo compreende que a Divina Liturgia é uma ação de serviço sobretudo aos mais necessitados e ela deve sempre conduzir ao serviço na vida. É servindo a mesa dos pobres que se agrada ao Senhor na mesa da Eucaristia.

O patriarca de Constantinopla, em uma célebre homilia, relaciona a presença de Cristo no Pão Eucarístico com a presença dele nos pobres, afirmando que o mesmo Cristo que diz “isto é o meu corpo” sofre no corpo do faminto e que zelar pelo pobre é zelar pelo Corpo de Cristo.

Queres honrar o Corpo de Cristo? Não permitas que seja desprezado nos seus membros, isto é, nos pobres que não têm que vestir, nem o honres aqui no templo com vestes de seda, enquanto lá fora o abandonas ao frio e à nudez. Aquele que disse: *Isto é o meu Corpo*, confirmando o facto com a sua palavra, também afirmou: *Vistes-Me com fome e não Me destes de comer*; e ainda: *Na medida em que o recusastes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim o recusastes*. No templo, o Corpo de Cristo não precisa de mantos, mas de almas puras; mas na pessoa dos pobres, Ele precisa de todo o nosso cuidado... (JOÃO CRISÓSTOMO, 2003, p. 626).

Como bem observa Ferreira (2015, p. 68), para São João Crisóstomo, o pobre é uma escola para os cristãos aprenderem a prestar o verdadeiro culto agradável a Cristo, através do exercício do amor e da caridade. Crisóstomo pretende conscientizar a comunidade cristã que a presença real de Cristo não está apenas na Eucaristia, mas também em todo aquele que está abandonado e passa alguma necessidade. Os membros do Corpo Místico de Cristo devem zelar por todo o Corpo de Cristo, principalmente pelos membros que mais padecem.

O Boca de Ouro continua a sua homilia de forma ainda mais contundente:

De que serviria, afinal, adornar a mesa Cristo com vasos de ouro, se Ele morre de fome na pessoa dos pobres? Primeiro dá de comer a quem tem fome e depois ornamenta a sua mesa com o que sobra. Queres oferecer-Lhe um cálice de ouro e não és capaz de Lhe dar um copo de água? De que serviria cobrir o seu altar com toalhas bordadas a ouro, se Lhe recusas a roupa de que precisa para Se vestir? Que vantagens há nisso? Diz-me cá: Se visses alguém necessitado de alimento e, deixando-o cheio de fome, fosses adornar de ouro a sua mesa, pensas que ele se mostraria agradecido para contigo ou indignado contra ti? E, se o visses coberto de andrajos e morto de frio, o deixasses sem roupa e lhe fosses levantar colunas de ouro, dizendo

que o fazias em sua honra, não pensaria ele que estavas a escarnecer da sua indigência com a mais sarcástica das ironias? (JOÃO CRISÓSTOMO, 2003, p. 626).

São João Crisóstomo deixa claro que ele não está criticando o zelo e cuidado pela liturgia, pela sacralidade do culto. A sua exortação está justamente naqueles que tranquilizam a consciência, acreditando estar agradando a Deus através do zelo pela liturgia, através das honrarias no templo, mas que se esquecem que Cristo veio para salvar pessoas e não templos. “[...] Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10, 10). A liturgia está a serviço de Deus e para a salvação das pessoas, na sua integralidade.

Também não digo isto para impedir os ornamentos sagrados, mas para que se faça uma coisa sem omitir a outra; ou melhor, exorto-vos a tratar do irmão necessitado, antes de ir adornar o templo. Ninguém foi acusado por omitir este segundo cuidado; mas quem despreza os pobres está condenado aos castigos do Inferno, ao fogo inextinguível e ao suplício na companhia dos Demónios. Por conseguinte, enquanto adorna o templo, não esqueças o teu irmão que sofre, porque este templo é mais precioso que o outro (JOÃO CRISÓSTOMO, 2003, p. 626).

Crisóstomo ensina a necessária relação entre a mesa do Senhor e a mesa dos pobres, como a Eucaristia deve provocar em cada pessoa que comunga a inquietação sobre o bem-estar de todos os membros do corpo místico de Cristo. A comunidade cristã que celebra a Eucaristia, participará com eficácia e colherá os verdadeiros frutos quando estiver impregnada do amor para com os esquecidos e necessitados nas mais diversas realidades da vida (FERREIRA, 2015, p. 68).

Poderia ainda citar inúmeros outros Padres da Igreja, como Santo Ambrósio de Milão, que atesta que a principal preocupação da Igreja não seja a falta de adorno digno ao templo, pois os sacramentos e os mistérios da fé não são ornados pelo ouro. “O ornato dos sacramentos é a redenção dos cativos” (AMBRÓSIO, 1996, p. 60). Mas o objetivo principal neste momento é apresentar como os Padres da Igreja, como esses primeiros intérpretes da Revelação e mestres da fé, já compreendiam a íntima relação entre Eucaristia e serviço aos irmãos mais necessitados.

2.3 A relação entre a Eucaristia e o serviço aos pobres no Magistério da Igreja

A Igreja, através do Concílio Ecumênico Vaticano II, fomentou um forte movimento de retorno às fontes da Revelação. Isto é, uma convocação à toda a Igreja a refletir a sua fé a partir do conteúdo revelado na Sagrada Escritura e na Tradição dos Padres da Igreja (DEI VERBUM, nº 23).

Na relação Eucaristia e serviço aos irmãos mais necessitados não foi diferente. Assim como é apresentado na Sagrada Escritura e confirmado na Tradição nos Padres da Igreja, o Magistério da Igreja busca atualizar os mesmos ensinamentos de Cristo na realidade atual do mundo, acerca desta íntima relação entre a Eucaristia e o serviço, ensinada pelo Senhor no lava-pés durante a Última Ceia. Pois, a liturgia, e mais precisamente a Eucaristia, “é o cume para o qual tende toda a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte donde emana toda a sua força” (SACROSANCTUM CONCILIUM, nº 10).

O Magistério da Igreja, por meio do Concílio Vaticano II, reafirmou a centralidade Eucaristia na vida da Igreja e dos fiéis, bem como ponto de partida para o encontro com os irmãos (LUMEN GENTIUM, nº 3). Reafirmou também a sua preocupação com os mais pobres, tomando para si, como sua, as dores, sofrimentos, angústias e tristezas, mas também alegrias e esperanças destes, que são tão esquecidos e abandonados pela sociedade (GAUDIUM ET SPES, nº1). A Igreja como mãe, se esforça para cuidar de todos os seus filhos, sem esquecer nenhum se quer e os exorta, para que sirvam uns aos outros, como irmãos, por mandato do Senhor.

Em continuidade ao Magistério conciliar, o Papa Paulo VI em sua Encíclica *Mysterium Fidei*, aborda a Eucaristia como este grande mistério de fé, centro dos corações. Ao tratar acerca do culto latrêutico, isto é, do culto de adoração devido ao Sacramento da Eucaristia, afirma os efeitos produzidos nos devotos. E dentre os inúmeros benefícios espirituais, a adoração eucarística incute nos corações que se aproximam para prestar-lhe culto o verdadeiro “amor social”.

[...] o culto eucarístico promove muito nas almas o amor "social", que nos leva a antepor o bem comum ao bem particular, a fazer nossa a causa da comunidade, da paróquia e da Igreja universal, e a dilatarmos a caridade até abraçarmos o mundo inteiro; sabemos que em toda a parte há membros de Cristo (MYSTERIUM FIDEI, nº 71).

Por isso, Paulo VI exorta através desta encíclica que se estimule os fiéis na participação frequente e até cotidianamente da Santa Missa, que se promova nas comunidades momentos de exposição e adoração ao Santíssimo Sacramento, entre outras iniciativas de culto eucarístico conforme as leis litúrgicas (MYSTERIUM FIDEI, nº 68). Pois, como comenta Brandes (2006) acerca do amor social como fruto do culto eucarístico:

[...] a Eucaristia é para saciar o mundo inteiro. O pão partido abre a vida do cristão para a vida do mundo, dá coragem para a solidariedade, é escola permanente de caridade, justiça e paz (BRANDES, 2006, p. 60).

Todos nós precisamos frequentemente participar desta escola de caridade e até diariamente. Por isso, o Magistério da Igreja sempre buscou estimular a participação frequente da Eucaristia, como essa escola de santidade (MYSTERIUM FIDEI, nº 69).

Seguindo esta mesma linha, o Papa João Paulo II, na Carta Apostólica *Mane Nobiscum Domine*, apresenta a Eucaristia como este mistério que produz frutos para uma sociedade mais equânime e fraterna, quando participada de modo autêntico pelos fiéis. Aqui, João Paulo II reafirma a interpretação dos Padres da Patrística sobre narrativa do lava-pés, apontando o serviço aos irmãos como o verdadeiro sentido da Eucaristia.

Não podemos nos iludir: pelo amor mútuo e, em particular, pela solicitude por quem está necessitado seremos reconhecidos como verdadeiros discípulos de Cristo (cf. Jo 13,35; Mt 25,31-46). É com base neste critério que será comprovada a autenticidade de nossas celebrações eucarísticas (MANE NOBISCUM DOMINE, nº 28).

Sobre o ensino de João Paulo II acerca dos frutos de caridade social produzidos pela Eucaristia, afirma Brandes (2006, p. 60), que o culto à Eucaristia promove nos fiéis justamente este impulso para a edificação da sociedade, a Celebração Eucarística é essencialmente uma comunhão de bens, uma partilha concreta com os mais pobres, o serviço das mesas. “A Eucaristia é uma escola de diaconia” (BRANDES, 2006, p. 60).

O Papa João Paulo II, na Carta Apostólica *Dies Domini*, apresenta a Ceia do Senhor como um projeto de solidariedade e afirma que:

[...] a Eucaristia dominical não só não desvia dos deveres de caridade, mas, pelo contrário, estimula os fiéis 'a tudo o que seja obra de caridade, de piedade e apostolado, onde os cristãos possam mostrar que são a luz do mundo, embora não sejam deste mundo, e que glorificam o Pai diante dos homens' (DIES DOMINI, nº 69).

Neste sentido, Brandes (2006, p. 58) reitera que a Eucaristia desenvolve na comunidade de fiéis uma cultura eucarística que consiste na defesa da vida, na busca da comunhão, da gratuidade, no respeito a dignidade humana e na prática da misericórdia. Aquele que comunga o corpo do Senhor, não pode continuar sendo insensível à fome humana. Esta insensibilidade é sinal de uma comunhão indigna.

Como ensina o Papa polonês, na carta *Dominicae Cenae*, nº 6, o sentido autêntico da Eucaristia se torna uma verdadeira escola de amor ativo para com o próximo. Quando o culto eucarístico é autêntico, ele produz um crescimento da consciencialização da dignidade cada pessoa humana e torna-se motivo de uma melhor relação com o próximo, sensibilizando-nos aos sofrimentos e misérias humanas, provocando-nos na busca por uma maneira de remediar o necessitado de maneira eficaz.

João Paulo II reafirma que o culto à Eucaristia é a verdadeira fonte de serviço aos irmãos:

[...] desejo aqui reafirmar, ainda que brevemente, que o culto eucarístico constitui a alma de toda a vida cristã. Se é verdade que a vida cristã se exprime no cumprimento do maior mandamento, ou seja, no amor de Deus e do próximo, este amor tem a sua fonte exatamente no Santíssimo Sacramento, que comumente é chamado: Sacramento do Amor (DOMINICAE CENAE, nº 5).

Sobre a dimensão da Eucaristia como Sacramento do Amor, o Papa Bento XVI escreve a *Sacramentum Caritatis*, onde ele aborda a Eucaristia como essa manifestação do Amor maior. O amor daquele que deu a vida pelos amigos e que inspira os amigos a fazerem o mesmo. O Santo Padre ensina que pela Eucaristia, Deus faz de nós testemunhas da sua compaixão por cada irmão e irmã. Pela Eucaristia, o Senhor faz nascer em nós o serviço da caridade para com o próximo, que consiste no fato de amar aqueles que por algum motivo não nos agradam ou que se quer conhecemos (SACRAMENTUM CARITATIS, nº 88).

Bento segue ainda nesta carta apostólica pós-sinodal, a ensinar acerca da chamada “mística do sacramento” da Eucaristia, que consiste propriamente no caráter social deste mistério. Receber a Eucaristia, é um ato de comunhão com Cristo e ao mesmo tempo comunhão com irmãos. Deve despertar a consciência de quem o recebe, que a comunhão com Cristo é ao mesmo tempo comunhão com os quais ele se entrega (SACRAMENTUM CARITATIS, nº 89).

Ao comungar o Cristo na Eucaristia, o Senhor nos impele a compadecermos daqueles mais necessitados, que sentem fome Dele. O verdadeiro serviço de caridade inspirado pela Eucaristia é dedicar-se aos irmãos nas suas diversas necessidades.

[...] a Eucaristia impele todo o que acredita nele a fazer-se “pão repartido” para os outros e, conseqüentemente, empenhar-se por um mundo mais justo e fraterno. Como sucedeu na multiplicação dos pães e peixes, temos de reconhecer que Cristo continua, ainda hoje, exortando os seus discípulos a empenharem-se pessoalmente: “Dai-lhes vós de comer” (Mt 14, 16). Na verdade, a vocação de cada um de nós consiste em ser, unido a Jesus, *pão repartido para a vida do mundo*. (SACRAMENTUM CARITATIS, nº 88).

2.4 A Eucaristia e o serviço aos pobres no Pontificado do Papa Francisco

O Magistério do Papa Francisco é marcado de uma maneira especial por sua sensibilidade pelos pobres, em seus diversos estados de pobreza. Desde o início de seu pontificado, tomou para si uma opção preferencial de serviço aos pobres e convocou a Igreja a fazer o mesmo. Em sua primeira Exortação Apostólica, a *Evangelii Gaudium*, o Santo Padre aponta para a Igreja qual o caminho de comunhão que o Espírito Santo a direciona: “[...] desejo uma Igreja pobre para os pobres” (EVANGELII GAUDIUM, nº 198).

Como bem observa o Papa, foi o próprio Jesus quem colocou os pobres no centro do evangelho. Segundo Francisco (2020a), não é possível compreender o Evangelho sem os pobres. Neste sentido, o Santo Padre ensina que se queremos seguir o Cristo, se desejamos encontrá-lo de verdade, devemos buscá-lo onde ele se encontra e se identifica: na Eucaristia e nos pobres.

[...] Se realmente queremos encontrar Cristo, é preciso que toquemos o seu corpo no corpo chagado dos pobres, como resposta à comunhão sacramental recebida na Eucaristia. O Corpo de Cristo, partido na sagrada liturgia, deixa-se encontrar pela caridade partilhada no rosto e na pessoa dos irmãos e irmãs mais frágeis (FRANCISCO, 2017, nº 3).

Cristo deseja ser identificado também no rosto do pobre e não somente na Eucaristia. É preciso reconhecê-lo, amá-lo, tocar a sua carne, zelar por suas necessidades. A Eucaristia é essa escola de sensibilização com a necessidade do próximo e este motor que impulsiona na prática da caridade. Nesta linha, o Papa Francisco na última catequese do ciclo de catequeses sobre a Santa Missa, ensina que:

[...] participar na Eucaristia *engaja-nos em relação aos outros, de maneira especial aos pobres*, educando-nos a passar da carne de Cristo para a carne dos irmãos, onde Ele espera ser por nós reconhecido, servido, honrado e amado (FRANCISCO, 2018b).

Neste caminho de sensibilização proposto pela escola da Eucaristia, o Senhor nos inspira a olharmos para o nosso interior e a perceber que não nascemos para nós mesmos. O projeto de Deus para cada pessoa humana é o de viver para o próximo, na expansão ao outro. Como reflete o Papa Francisco sobre o mistério eucarístico, o Cristo se faz pão repartido para nós e em cada comunhão nos chama a fazer o mesmo, fazendo-nos pão repartido aos irmãos, doando a nossa vida àqueles que necessitam (FRANCISCO, 2018c).

Conforme o ser humano se volta ao próximo, percebe que há em si muito mais motivos de gratidão a Deus e reconhece o quanto pode enriquecer o próximo com o dom de sua vida. É necessário frear os anseios da ganância humana e do máximo conforto próprio, que apagam a chama da caridade. A Eucaristia é também essa escola de santidade que auxilia no desenvolvimento das virtudes, como afirma o Pontífice durante a homilia na Missa da Solenidade Corpus Christi:

A Eucaristia apaga em nós a fome de coisas e acende o desejo de servir. Levanta-nos do nosso estilo cómodo e sedentário de vida, lembra-nos que não somos apenas boca a saciar, mas também as mãos d'Ele para saciar o próximo. Agora é urgente cuidar de quem tem fome de alimento e dignidade, de quem não trabalha e tem dificuldade em seguir para diante. E fazê-lo de modo concreto, como concreto é o Pão que Jesus nos dá. É precisa uma proximidade real;

são necessárias verdadeiras *correntes de solidariedade*. Na Eucaristia, Jesus aproxima-Se de nós: não deixemos sozinho, quem vive ao pé de nós! (FRANCISCO, 2020b).

A comunhão eucarística exige de quem a recebe o compromisso de uma vida eucarística. É necessário amar Cristo nos pobres concretamente, com aquilo que possui para oferecer e não apenas se compadecer da dor do que sofre. Se comprometer com a dor do outro, tomar parte para si. Se não se deixas partilhar da dor outro, não se pode partilhar do Pão do Céu.

Porque não podes partir o Pão do domingo, se o teu coração estiver fechado aos irmãos. Não podes comer este Pão, se não deres o pão aos famintos. Não podes partilhar deste Pão, se não partilhas os sofrimentos de quem passa necessidade. No fim de tudo, inclusive das nossas solenes liturgias eucarísticas, restará apenas o amor. E, já desde agora, as nossas Eucaristias transformam o mundo, na medida em que nós mesmos nos deixamos transformar tornando-nos pão partido para os outros (FRANCISCO, 2021).

Por mais exigente que seja comprometer-se com os pobres, é o próprio Cristo quem fortalece e alivia o fardo daquele que se aproxima de coração aberto na Ceia Eucarística. A devoção eucarística, tanto na Santa Missa, como na sua prolongação através da adoração ao Santíssimo Sacramento, transmite a força do amor que impulsiona a superar todos os desafios que se levantam diante da pobreza e do sofrimento humano. Neste mesmo sentido o Papa Francisco observa:

Quantos cristãos, como cidadãos responsáveis, repartiram a própria vida para defender a dignidade de todos, especialmente dos mais pobres, marginalizados e discriminados! Onde encontram eles a força para fazer tudo isto? Precisamente na Eucaristia: na força do amor do Senhor ressuscitado, que também hoje parte o pão para nós e repete: “Fazei isto em memória de Mim” (FRANCISCO, 2016).

2.5 Considerações finais do capítulo

Este segundo capítulo buscou refletir acerca da Eucaristia como este grande dom de Deus dado pelo Cristo na Última Ceia, continuado pelos Apóstolos e transmitido às comunidades de fé. As primeiras comunidades cristãs logo

compreenderam a íntima relação do Pão repartido, com o compromisso de servir às mesas, de inserir a todos os que tem fome na Mesa do Senhor.

Com o desenvolvimento da fé, no período patrístico, houve um desenvolvimento na celebração da Ceia do Senhor passando da compreensão exclusiva de refeição para a compreensão também de um ritual litúrgico, onde se atualiza mistério da Vida, Morte e Ressurreição do Senhor. Há o surgimento das primeiras Orações Eucarísticas.

Os Padres da Igreja compreendiam que tudo partia da Eucaristia, inclusive o agir para com os irmãos. Por isso, em suas reflexões teológicas, escritos e homilias, destacavam com frequência a dimensão da Eucaristia como fonte de partilha e de caridade para com os irmãos, bem como o compromisso obrigatório para com aqueles que passam alguma necessidade. Recusar o cuidado com os pobres é torna-se indigno da comunhão com o Corpo do Senhor. Servir a Cristo nos pobres é prestar o verdadeiro culto agradável ao Senhor, é o correto modo de honrar o Corpo de Cristo.

Seguindo o apelo do Concílio Vaticano II de retorno às fontes da Revelação na Sagrada Escritura e na Tradição dos Padres, o Magistério pós-conciliar reafirmou e atualizou os ensinamentos acerca da Eucaristia e da sua intrínseca relação de compromisso com os pobres. A Igreja, através de seu Magistério buscou apresentar a Eucaristia como essa escola de diaconia e caridade, como o Sacramento que sensibiliza o coração humano para se compadecer do sofrimento humano daqueles que vivem à margem da sociedade.

A Eucaristia é também chamada de Sacramento do Amor, ela é a verdadeira fonte de serviço aos pobres. Foi o próprio Cristo que se identificou entre os pobres e os colocou no centro do Evangelho. Por isso, de uma maneira especial, no pontificado de Francisco, ele convida a Igreja a uma atenção privilegiada para com os pobres. Ele reafirma o que os Padres da Igreja ensinaram outrora, que tocar a carne do pobre é tocar a carne de Cristo.

A comunhão eucarística exige de quem a recebe, a coerência de uma vida eucarística, que consiste num verdadeiro compromisso de amor e serviço para com os pobres. A Eucaristia infunde no coração humano a chama de amor que impulsiona o serviço aos pobres, por amor aquele que disse: “fazei isto em memória de mim” (Lc 22, 19).

CAPÍTULO III

A espiritualidade eucarística como fonte para o serviço aos pobres

3.1 Introdução

Após responder à pergunta central deste trabalho monográfico, demonstrando a íntima relação entre a Eucaristia e os pobres tanto nas fontes da Revelação Divina, como no Magistério da Igreja, urge a necessidade de uma proposta que auxilie os batizados a viverem na prática de suas vidas essa tarefa confiada por Cristo, que assumiram no dia do seu batismo.

Este capítulo busca propor uma chamada espiritualidade eucarística que promova o verdadeiro serviço cristão aos mais pobres. Para isso, será apresentado a reflexão teológica da Igreja presente na América Latina e Caribe, a sua resposta ao clamor dos mais pobres a partir da Eucaristia, assumindo uma chamada opção preferencial pelos pobres.

Em seguida, refletirá o que o Magistério da Igreja ensina a partir da Revelação sobre o autêntico serviço aos pobres. Por fim, será desenvolvida a proposta de uma espiritualidade eucarística que frutifique no serviço aos mais pobres, buscando no tesouro da espiritualidade da Igreja esta riqueza já existente.

3.2 A Eucaristia e os pobres na Teologia da América Latina

O cenário da América Latina de opressões na segunda metade do século XX exigiu uma atenção especial de toda a Igreja para com os acontecimentos políticos: o Brasil com o flagelo do militarismo, a Argentina com o Governo de Perón, Chile com a ditadura de Pinochet, Nicarágua e o período de Somoza (SOUZA, 2022, p. 426). Essas marcas profundas em toda essa região do continente fizeram com que a Igreja direcionasse um olhar preferencial aos pobres, buscando refletir uma resposta à altura. Se, no contexto bíblico, o pobre, a viúva, o órfão são os excluídos da sociedade, no século XX, nos países latino-americanos, aumentaram-se o número e os nomes daqueles que perderam a voz nessa parte do continente.

Conhecemos a grande dificuldade que há, no mundo contemporâneo, de poder identificar claramente a pobreza. E, todavia, esta interpela-

nos todos os dias com os seus inúmeros rostos marcados pelo sofrimento, pela marginalização, pela opressão, pela violência, pelas torturas e a prisão, pela guerra, pela privação da liberdade e da dignidade, pela ignorância e pelo analfabetismo, pela emergência sanitária e pela falta de trabalho, pelo tráfico de pessoas e pela escravidão, pelo exílio e a miséria, pela migração forçada. A pobreza tem o rosto de mulheres, homens e crianças explorados para vis interesses, espezinhados pelas lógicas perversas do poder e do dinheiro. Como é impiedoso e nunca completo o elenco que se é constrangido a elaborar à vista da pobreza, fruto da injustiça social, da miséria moral, da avidez de poucos e da indiferença generalizada! (FRANCISCO, 2017, nº 5).

A partir desta realidade, a Igreja pensou na maneira de chegar ao coração desse povo ferido, ouvindo o apelo do Concílio Vaticano II, sobretudo dos textos da *Lumen Gentium* e da *Gaudium et Spes*. As conferências latino-americanas proporcionaram uma reflexão sobre a missão da Igreja diante do sofrimento do povo da América. Com isso, desenvolveu-se uma teologia própria desse continente diverso. A Teologia da Libertação aparece como uma tentativa de resposta às necessidades dos marginalizados e sofridos, buscando apontar caminhos que possibilitem a liberdade e a vida digna desejada, a partir do retorno às fontes da Revelação e em comunhão com o Magistério da Igreja (JOÃO PAULO II, 1986, nº 5).

A seguir, será apresentado alguns aspectos próprios do pensamento teológico latino-americano, tendo em vista como a opção preferencial pelos pobres se torna elemento paradigmático para a reflexão da América Latina e qual o papel da Eucaristia como pôr-se à serviço desses pobres.

3.2.1 A opção preferencial pelos pobres

Nas palavras do Cardeal Raniero Cantalamessa, “a Pobreza é uma palavra ambígua que podem levar um sinal negativo ou positivo” (CANTALAMESSA, 2014, p. 9). É a partir dessa dualidade, que o Papa Francisco aponta para a Igreja o caminho e a missão confiada por Cristo a ela, de ser “pobre para os pobres”, como Jesus foi (EVANGELII GAUDIUM, nº 198). Esta dimensão explicita a necessidade caritativa da Igreja, que possui a tarefa de se empenhar na salvação integral daqueles que estão nas periferias materiais e existenciais.

Pensar a pobreza como sinal negativo se dá na perspectiva de quem vive o sofrimento da falta de dignidade, é o grito dramático dos povos famintos aos “povos

da opulência” (POPULORUM PROGRESSIO, nº3). Esse ponto de vista retrata a desigualdade e a falta de recurso das populações à margem dos grandes centros, isto é, comunidades humanas que ainda vivem o flagelo do esquecimento dos poderosos.

O sinal positivo do conceito de pobreza está relacionado com o despojamento daquele que conhece a mensagem cristã: “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Ceus” (Mt 5,3). Assumir esse modelo de vida, conduz os discípulos de Cristo a terem consciência de que seus bens terrenos são passageiros e que o único bem que não passa é viver e agir por Jesus Cristo. Foi o próprio Senhor que quis se identificar entre os pobres, nascer de uma Virgem pobre e crescer em meio a uma pequena povoação perdida na periferia de um grande império (EVANGELII GAUDIUM, nº 197).

Para o contexto latino-americano, o conceito de pobreza abraça uma importância maior diante da miséria encontrada nesse continente. A conferência de Medellín, em 1968, assume uma postura paradigmática e nova, a postura de denunciar as injustiças, o que levou a Igreja a adotar uma opção preferencial pelos pobres. Usando o método ver, julgar e agir, a situação do pobre foi analisada e assumida como prioridade da missão da Igreja. O documento aponta três tipos de pobreza presente no continente: pobreza material, que é a carência dos bens; pobreza espiritual que se dá pelo desapego dos bens e abertura ao Senhor; e a pobreza voluntária que é a missão da Igreja comprometida com os pobres (SOUZA, 2022, p. 419).

Queremos que nossa Igreja latino-americana esteja livre de peias temporais, de conveniências indevidas e de prestígio ambíguo; que livre pelo espírito dos vínculos da riqueza (Paulo VI, 24-8-68), seja mais transparente e forte sua missão de serviço; que esteja presente na vida e nas tarefas temporais, refletindo a luz de Cristo, presente na construção do mundo (DOCUMENTO DE MEDELLÍN, p. 206).

A opção preferencial pelos pobres consiste na decisão de reconhecer que os pobres ocupam um lugar preferencial no coração de Deus, de tal modo que o próprio Cristo se identificou entre eles: “Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. [...]” (Mt 25, 35). Foi o próprio Cristo quem instruiu a escolhê-los preferencialmente: “[...] quando deres uma festa, chama os pobres, estropiados, coxos e cegos” (Lc 14, 13). Contudo, é importante destacar que essa opção preferencial não é exclusiva, nem excludente (DOCUMENTO DE APARECIDA, nº 392).

[...] É certo que ninguém pode ser excluído do nosso amor, uma vez que, “pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-Se de certo modo a cada homem”; mas, segundo as palavras inequívocas do Evangelho que acabámos de referir, há na pessoa dos pobres uma especial presença de Cristo, obrigando a Igreja a uma opção preferencial por eles. [...] (NOVO MILLENNIO INEUNTE, nº 49).

3.2.2 A Eucaristia e a opção preferencial pelos pobres

A opção preferencial pelos pobres possui uma dimensão muito mais cristológica do que cultural, sociológica, política ou filosófica. É a partir de Cristo e do encontro pessoal com Cristo, que somos movidos a ter “o mesmo sentimento de Cristo” (FI 2, 5). É a partir do amor de Cristo que somos chamados a descobrir Cristo nos pobres (EVANGELII GAUDIUM, nº 198).

Se essa opção está implícita na fé cristológica, os cristãos, como discípulos e missionários, são chamados a contemplar, nos rostos sofredores de nossos irmãos, o rosto de Cristo que nos chama a servi-lo neles: ‘Os rostos sofredores dos pobres são rostos sofredores de Cristo’ (DOCUMENTO DE APARECIDA, nº 393).

Paulo VI, em agosto de 1968, realizou uma viagem apostólica à Colômbia, onde pôde participar do Congresso Eucarístico Internacional em Bogotá e abrir a Segunda Conferência do episcopado latino-americano em Medellín. Durante a Santa Missa na peregrinação apostólica em Bogotá realizou uma homilia onde refletiu acerca da relação sacramental entre a Eucaristia e os pobres, destacando os pobres como um sinal ou sacramento de Cristo.

[...] toda a tradição da Igreja reconhece nos Pobres o Sacramento de Cristo, não é certamente idêntica à realidade da Eucaristia, mas sim em perfeita correspondência analógica e mística com ela (PAULO VI, 1968, tradução nossa).⁶

Em consonância, Documento de Medellín observa a correspondência entre a Eucaristia e a opção preferencial pelos pobres, reafirmando o ensinamento da

⁶ [...] toda la tradición de la Iglesia reconoce en los Pobres el Sacramento de Cristo, no ciertamente idéntico a la realidad de la Eucaristía, pero sí en perfecta correspondencia analógica y mística con ella.

Tradição e do Magistério da Igreja de que é a partir da Eucaristia que podemos nos comprometer verdadeiramente com a causa do pobre e com a sua promoção humana.

[...] “nenhuma” comunidade cristã se edifica se não tem sua raiz na celebração da Santíssima Eucaristia, pela qual se inicia toda a educação do espírito da comunidade. [...] No momento atual, da América Latina, como em todos os tempos, a celebração litúrgica comporta e coroa um compromisso com a realidade humana, com o desenvolvimento e com a promoção, precisamente porque toda a criação está envolvida pelo desígnio salvador que abrange a totalidade do homem (DOCUMENTO DE MEDELLÍN, p. 155).

Quem deseja seguir o evangelho possui o dever de assumir para si a opção preferencial pelos pobres. Mas antes de se comprometer com a causa do pobre, é necessário se comprometer com Cristo na Eucaristia. Somente a partir de Cristo é possível ser fiel a verdadeira causa cristã dos pobres. “[...] Quem adora Jesus no pão consagrado deve reconhecê-lo também nos pobres. Alguém bem lembrou que quem comunga se torna pão e nutrimento dos outros” (BRANDES, 2006, p. 61).

Durante o discurso inaugural da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe em Aparecida, o Papa Bento XVI recordou o apelo de seus predecessores Paulo VI e João Paulo II para que se propague pelo mundo a civilização do amor. E ressaltou que essa tarefa só é possível ser concretizada a partir da centralidade da Eucaristia.

[...] Da Eucaristia brotou ao longo dos séculos um imenso caudal de caridade, de participação nas dificuldades dos outros, de amor e de justiça. Só da Eucaristia brotará a civilização do amor, que transformará a América Latina e o Caribe para que, além de ser o continente da Esperança, seja também o continente do Amor! (BENTO XVI, 2008, p. 258).

3.3 Em que consiste o serviço da Igreja aos pobres

Compreendendo a urgência de uma resposta adequada às necessidades dos pobres, bem como a dimensão da centralidade dos pobres no Evangelho, cumpre a necessidade de refletir, a partir do Magistério da Igreja, qual é o autêntico serviço cristão que urge ser prestado aos pobres.

3.3.1 O autêntico serviço cristão aos pobres

Conforme ensina o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*, o primeiro serviço prestado aos pobres é o anúncio do Evangelho, o qual representa a “primeira caridade”. O Santo Padre exorta que o compromisso da Igreja com os mais pobres não consiste exclusivamente em ações ou em programas de promoção e assistência. O primeiro movimento que o Espírito nos conduz a ter é o da atenção amiga ao outro, apreciando o pobre por quem ele é, um filho de Deus.

[...] O amor autêntico é sempre contemplativo, permitindo-nos servir o outro não por necessidade ou vaidade, mas porque ele é belo, independentemente da sua aparência [...]. Quando amado, o pobre “é estimado como de alto valor”, e isto diferencia a autêntica opção pelos pobres de qualquer ideologia, de qualquer tentativa de utilizar os pobres ao serviço de interesses pessoais ou políticos. Unicamente a partir desta proximidade real e cordial é que podemos acompanhá-los adequadamente no seu caminho de libertação (*EVANGELII GAUDIUM*, nº 199).

Nesse sentido, o Papa recorda que quando se busca apenas realizar ações sociais e atividades políticas, descuidando-se da assistência espiritual, corre-se o risco da Igreja ser apenas mais um discurso em meio a atual sociedade da comunicação. Uma verdadeira opção preferencial pelos pobres é aquela que prioriza e facilita o acesso dos pobres aos bens espirituais da Igreja.

Dado que esta Exortação se dirige aos membros da Igreja Católica, desejo afirmar, com dor, que a pior discriminação que sofrem os pobres é a falta de cuidado espiritual. A imensa maioria dos pobres possui uma especial abertura à fé; tem necessidade de Deus e não podemos deixar de lhe oferecer a sua amizade, a sua bênção, a sua Palavra, a celebração dos Sacramentos e a proposta de um caminho de crescimento e amadurecimento na fé. A opção preferencial pelos pobres deve traduzir-se, principalmente, numa solicitude religiosa privilegiada e prioritária (*EVANGELII GAUDIUM*, nº 200).

Compreendendo essa premissa fundamental de como a primeira caridade é anunciar aos pobres a Boa-nova do Reino, bem como compreendendo a Eucaristia centralidade de toda a vida cristã, é preciso partir dela, para anunciar aos pobres. Como já refletido no primeiro capítulo desta monografia, o lava-pés é a expressão externa do que se celebra na Eucaristia, de vida doada por amor. É consequência natural de uma autêntica participação da Santa Missa (*GUZMÁN*, 2018, p. 12). É na Ceia do Senhor que se aprende a exercer a verdadeira *Diakonia*.

Junto ao anúncio do Evangelho, a primeira caridade é a de trazê-los para a mesa do Senhor onde todos recebemos a mesma dignidade de filhos de Deus. A Santa Missa é a maior proclamação dos direitos humanos, onde Cristo se entrega por inteiro para resgatar a imagem e a semelhança divinas desfiguradas pelo pecado. Sobre os direitos humanos, Goodert afirma:

[...] Em cada Eucaristia eles são celebrados, anunciados como fruto imediato e inconfundível da participação na mesa do Senhor. É inerente ao espírito eucarístico a fraternidade, particularmente para com os mais necessitados. Se o pão deve ser repartido entre todos, não há verdadeira Eucaristia onde falta partilha (GOEDERT, 2005, p. 24).

É na Eucaristia que aprendemos a servir, a partilhar o nosso pão com os mais pobres e a ser pão repartido para o que necessita do nosso amor. Na Mesa do Senhor somos todos servidores e pobres ao mesmo tempo, a Eucaristia é o centro que reúne a todos na mesma dignidade.

[...] Somos todos, ao mesmo tempo, servidores e necessitados do serviço dos irmãos. Ninguém está tão acima que não precise dos outros; ninguém se encontra tão depauperado que nada possa oferecer. A Eucaristia constitui o ponto de encontro e a fonte alimentadora desses serviços mútuos (GOEDERT, 2005, p. 21).

A segunda atitude de autêntico serviço cristão aos mais pobres é o da atenção, do fazer-se próximo, sair ao seu encontro onde quer que os pobres estejam. Não ter medo de se sujar, de contrair o “cheiro das ovelhas”. É necessário tomar à frente e encurtar as distâncias, correr o risco das humilhações, tocar a carne sofredora de Cristo nos pobres (EVANGELII GAUDIUM, nº 24).

O papa Francisco explica de maneira muito perspicaz que as ações caritativas da Igreja se alicerçam no “cuidado” ao outro. Perceber o outro como um amigo, uma pessoa da família, uma pessoa “próxima”, para então expressar uma genuína inquietação pelas vicissitudes do outro. A atenção ao pobre é o que nos capacita a auxiliá-los nos seus problemas mais prementes.

Portanto somos chamados a estender a mão aos pobres, a encontrá-los, fixá-los nos olhos, abraçá-los, para lhes fazer sentir o calor do amor que rompe o círculo da solidão. A sua mão estendida para nós é também um convite a sairmos das nossas certezas e comodidades e

a reconhecermos o valor que a pobreza encerra em si mesma. (FRANCISCO, 2017, nº 3).

Por fim, claramente o serviço cristão aos pobres não se limita ao anúncio da Palavra e à proximidade cristã. Pois, como ensina na Epístola de São Tiago:

Se um irmão ou uma irmã não tiverem o que vestir e lhes faltar o necessário para a subsistência de cada dia, e alguém dentre vós lhes disser: "Ide em paz, aquecei-vos e saciai-vos", e não lhes der o necessário para a sua manutenção, que proveito haverá nisso? (Tg 2, 15-16).

O autêntico serviço cristão é aquele serve o ser humano todo, que promove os pobres integralmente. Jesus na Eucaristia nos ensina a partilha e o compromisso com os irmãos. Não se deve delegar aos outros ou apenas oferecer dinheiro para que outros pratiquem a caridade. É necessário se envolver pessoalmente, pois esta é a vocação de todo cristão (FRANCISCO, 2023, nº 4).

A verdadeira promoção integral se manifesta através de opções e gestos visíveis de defesa à vida e aos direitos dos mais vulneráveis. Imbuídos do Espírito de Cristo, os cristãos podem e devem contribuir com a causa dos pobres através de políticas públicas, exercendo a criatividade pastoral (DOCUMENTO DE APARECIDA, nº 403).

[...] a verdadeira promoção humana não pode reduzir-se a aspectos particulares: "Deve ser integral, isto é, promover todos os homens e o homem todo", a partir da vida nova em Cristo que transforma a pessoa de tal maneira que "a faz sujeito de seu próprio desenvolvimento". Para a Igreja, o serviço da caridade, assim como o anúncio da Palavra e a celebração dos sacramentos, "é expressão irrenunciável da própria essência". (DOCUMENTO DE APARECIDA, nº 399).

Convém, para uma maior eficácia, que haja também um serviço caritativo organizado pastoralmente pela Igreja. Para isso, "as Conferências Episcopais e as igrejas locais têm a missão de promover renovados esforços para fortalecer uma Pastoral Social estruturada, orgânica e integral" (DOCUMENTO DE APARECIDA, nº 401).

3.3.2 O servo como uma pessoa eucaristizada

É preciso sempre recordar ao servo a origem do seu serviço: a Eucaristia. Ela é quem constitui o ponto de encontro e é ao mesmo a fonte alimentadora do serviço aos pobres. Afinal, o Servo por excelência ensinou os discípulos a serem servidores no lava-pés durante a Ceia. O servo deve estar disposto a reaprender a lição do lava-pés

[...] É preciso reaprender a lição do lava-pés: servir, cingir-se de boa vontade, abaixar-se para vencer a tentação de ser mais que os outros. Lavar os pés é, ao mesmo tempo, o gesto mais trivial e mais nobre! Só lava os pés de um irmão quem tem um coração purificado pelo amor. Só é grande quem sabe se curvar para não humilhar os mais pequenos e pobres. Lavar os pés é beijar o coração! (GOEDERT, 2005, p. 26).

Portanto, o servo não pode deixar a Eucaristia de lado. É na participação da Santa Missa e no seu prolongamento através da adoração eucarística que o servo vai se tornando “eucaristizado”, isto é, aprende-se a viver uma vida eucarística. A vida eucarística é comunhão, testemunho e serviço. A Eucaristia não apenas conduz a fazer caridade para com os pobres, mas compromete a adotar um estilo de vida eucarística de servo dos pobres.

[...] Ele fez-Se pão repartido para nós; pede que nos doemos aos outros, que deixemos de viver para nós mesmos, mas vivamos um para o outro. É assim que se vive eucaristicamente: derramando sobre o mundo o amor que recebemos da carne do Senhor. A Eucaristia traduz-se, na vida, passando do eu ao tu (FRANCISCO, 2018c).

3.4 Servir os pobres com amor eucarístico

No decorrer deste trabalho monográfico, foi evidenciado a íntima relação existente entre a Eucaristia e o serviço aos pobres, como uma responsabilidade que não se pode esquivar. Foi demonstrado também, que o Sacramento da Eucaristia não somente nos compromete com a causa dos mais pobres, mas também nos concede a graça da chama do amor que move a pôr em prática esse serviço tão necessário.

Cumprido neste momento, em atenção ao clamor dos mais pobres e aos apelos do Magistério da Igreja que convoca a todos a escuta dos pobres, apresentar uma resposta. Propõe-se uma verdadeira espiritualidade eucarística, não uma intimista

voltada apenas as nossas próprias necessidades, mas uma em que nos configure ao Cristo servidor.

[...] O perigo de uma espiritualidade eucarística desencarnada, pietista, intimista. Os textos bíblicos foram: Mc 6,37: “Dai-lhes vós mesmos de comer”. Aqui Jesus dá a entender que diminuir a fome é uma tarefa e obrigação eucarística (Brandes, 2006, p. 61).

A proposta de uma espiritualidade eucarística que inspire o verdadeiro serviço da Igreja aos pobres é fundamental, pois tudo deve partir do Cristo. Sem o Cristo no centro como ponto de partida que inspira a verdadeira prática caritativa que o agrade, corre-se o risco de servir os pobres como apenas uma ONG sócio-caritativa e não como Igreja. A este risco alertou diversas vezes o Papa Francisco (FRANCISCO, 2013b).

A urgência dos pobres não deve tirar a centralidade do Cristo, agitando o coração do cristão que se propõe a servir. A ausência do Cristo como ponto de partida gera uma perda de sentido, corre-se o risco do “fazer por fazer”. O Papa João Paulo II na Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte* alertou sobre este risco recordando a censura de Jesus a Marta: “tu te inquietas e te agitas por muitas coisas; no entanto, pouca coisa é necessária, até mesmo uma só” (Lc 10, 41-42). Nesse sentido, o Santo Padre aponta a oração e a contemplação dos mistérios de Cristo como fundamento absoluto para toda ação pastoral da Igreja (NOVO MILLENNIO INEUNTE, 15).

3.4.1 A espiritualidade eucarística de amor pelos pobres nos Santos da Igreja

Não se pretende aqui propor a criação de uma nova espiritualidade, mas revisitar aquilo que já pertence ao tesouro da espiritualidade da Igreja, como modelo a ser seguido. Os santos, de fato, são este farol que ilumina os nossos passos no verdadeiro seguimento de Cristo (BENTO XVI, 2011). E inúmeros deles viveram esta espiritualidade eucarística que os inspirou ao serviço de Cristo nos pobres.

Um grande exemplo disso se dá na vida do pobrezinho de Assis. Quando se fala sobre alguém que dedicou a sua vida inteira no serviço aos mais pobres, o primeiro pensamento logo se volta a São Francisco de Assis, como o maior modelo

da Igreja, nesse sentido. Ele, após sua conversão lendo o Evangelho dentro da prisão, decidiu largar tudo para viver a imitação de Cristo na prática do Evangelho, sendo um pobre entre os pobres. Para isso, decidiu tomar uma “firme decisão de não desviar o rosto de pobre nenhum, de ninguém que, ao pedir alguma coisa, o fizesse ‘por amor de Deus’” (TOMÁS DE CELANO, 2004, p. 290).

Inicialmente, São Francisco possuía uma grande aversão pelos mais pobres em sua época, um horror pelos leprosos. O que o levou a enfrentar e superar essa aversão, tornando-o um verdadeiro pai para os pobres? Foi a sua constante contemplação ao mistério da Paixão de Cristo na imagem do Crucificado e na Eucaristia (TOMÁS DE CELANO, 2004, p. 294-295).

O pequeno frade possuía uma grande devoção eucarística, um extremo zelo pela Eucaristia e pela liturgia. A Santa Missa era o centro de sua vida cristã, a fonte de sua caridade evangélica:

Pasme o homem todo, estremeça o mundo inteiro e exulte o Céu, quando, sobre o altar, na mão do sacerdote, está o Cristo, o Filho do Deus vivo! Ó admirável grandeza e estupenda dignidade! Ó humildade sublime! Ó sublimidade humilde! O Senhor do universo, o Deus e o Filho de Deus, assim se humilha e se oculta sob a módica fórmula de pão para a nossa salvação! Vede, irmãos, a humildade de Deus e derramai diante d’Ele os vossos corações; humilhai-vos também vós para que sejais exaltados por Ele. Nada, pois, de vós retenhais para vós, para que vos receba todos por inteiro Aquele que se vos dá todo inteiro (FRANCISCO DE ASSIS, 2004, p. 102).

São Francisco de Assis entendia muito bem a importância da Eucaristia como uma verdadeira fonte de amor que impulsionava no serviço a Cristo nos mais pobres. Por isso, em sua carta dirigida a toda sua Ordem religiosa, recomenda e ordena que participem diariamente da Santa Missa e manifestem com zelo a reverência devida à Eucaristia. Esta foi a sua primeira recomendação na carta aos frades, pois entendia muito bem a sua importância na prática do Evangelho.

E assim suplico a todos vós Irmãos, beijando-vos os pés e com aquela caridade que posso, que manifesteis toda a reverência e toda a honra o quanto puderdes ao santíssimo corpo e sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, no qual, todas as coisas que existem nos Céus e na Terra foram pacificadas e reconciliadas com o Deus Onipotente (FRANCISCO DE ASSIS, 2004, p. 101).

Outro exemplo de espiritualidade eucarística de serviço aos pobres é a vida de Santa Teresa de Calcutá, conhecida como a Santa dos bairros pobres. Ela tinha para sua vida e para a regra de suas irmãs religiosas a finalidade particular de levar Cristo às casas e às ruas das favelas, aos doentes aos mendigos e as crianças de rua. Os pobres eram procurados e visitados pela Madre e suas irmãs nos buracos onde eles viviam, fora da cidade ou nas ruas. Teresa ensinava as irmãs a viverem uma verdadeira vida interior que inspirava a procurar Cristo e vê-lo em tudo o que fizerem pelos pobres (TERESA DE CALCUTÁ, 2016, p. 343).

Madre Teresa tinha plena consciência de que o fadigoso trabalho em favor dos pobres só encontrava o alívio no julgo suave de Cristo através de uma constante vida eucarística. A Santa sabia que a messe era muito grande e que seus trabalhos só poderiam produzir frutos através da sua intimidade com o Senhor eucarístico. Por isso, o seu dia começava às 4h40 da manhã com orações e meditações, seguida da Missa. No final da tarde dedicava diariamente 1 hora de adoração ao Santíssimo Sacramento (KOLODIEJCHUK, 2016, p. 397).

Para Santa Teresa, a Eucaristia era a verdadeira fonte que a movia no serviço diário para com os pobres. Todos os seus feitos extraordinários foram frutos de sua vida eucarística. E desejou transmitir essa espiritualidade às suas irmãs, como uma das maiores heranças para a sua congregação religiosa. Por isso, logo se preocupou em escrever na regra de vida das Missionárias da Caridade o dever de cultivar uma vida espiritual de adoração eucarística.

33. Dado que cada Irmã deve fazer o trabalho de um sacerdote - ir aonde os sacerdotes não podem ir, fazer o que eles não podem fazer, devem estar embebidas do espírito da Santa Missa, que é um espírito de total abandono e oferecimento. Por essa razão, a Santa Missa deverá ser o lugar diário de encontro, onde Deus e a Sua criatura se oferecem um ao outro, um pelo outro e pelo mundo.

34. As Irmãs devem usar todos os meios para aprender e fazer crescer esse terno amor por Jesus no Santíssimo Sacramento (TERESA DE CALCUTÁ, 2016, p. 347).

Poderia citar ainda inúmeros outros Santos que viveram esta espiritualidade eucarística de amor serviço aos pobres, mas o objetivo central foi evidenciar que a proposta de uma espiritualidade eucarística que inspire o serviço aos mais pobres é propriamente um carisma já existente no grande tesouro da Mística da Igreja.

3.4.2 A espiritualidade do amor eucarístico

Os carismas das Ordens religiosas, congregações e dos Santos surgem na Igreja como uma resposta de Deus a uma necessidade atual do mundo. De igual modo são hoje os novos carismas suscitados pelo Espírito Santo através das chamadas Novas Comunidades e Movimentos Eclesiais. Sobre essa novidade do Espírito dado à Igreja, o Papa João Paulo II já ensinava:

E eis, então, os movimentos e as novas comunidades eclesiais: eles são a resposta, suscitada pelo Espírito Santo, a este dramático desafio do final de milénio. Vós sois esta resposta providencial. Os verdadeiros carismas não podem senão tender para o encontro com Cristo nos Sacramentos (JOÃO PAULO II, 1998, nº 7).

Um carisma verdadeiro, quando é reconhecido pela Igreja, passa a ser não apenas um carisma daquele grupo, mas um dom para toda a Igreja, passa a ser um carisma da Igreja. O carisma dado pelo Espírito não é para si, não é uma propriedade pessoal, mas é para bem servir os irmãos.

Abri-vos com docilidade aos dons do Espírito! Acolhei com gratidão e obediência os carismas que o Espírito não cessa de dispensar! Não esqueçais que cada carisma é dado para o bem comum, isto é, em benefício de toda a Igreja! (JOÃO PAULO II, 1998b, nº 5).

Nesse sentido, apresenta-se como proposta concreta de uma espiritualidade eucarística de serviço aos pobres o carisma da Comunidade Católica Missão Eucarística Voz dos Pobres. Como explicado anteriormente, um carisma reconhecido pela Igreja como dom do Espírito, que passa a ser modelo para todos como um dos carismas da Igreja. O carisma Voz dos Pobres não surge do nada, sem referência alguma, mas tem como modelo o carisma manifestado nos Santos, como também já fora abordado anteriormente.

A Missão Eucarística Voz dos Pobres é uma das Novas Comunidades e Movimentos da Igreja, com reconhecimento canônico diocesano e sediada na Arquidiocese de São Paulo. Desde julho de 1996 tem como trabalho pastoral o serviço aos “mais pobres entre os pobres” sofredores de rua, “aqueles que nem os próprios moradores das calçadas querem por perto” (FARIAS, 2011, p. 30).

O carisma Voz dos Pobres consiste em:

[...] amar eucaristicamente, ou seja, amar em ação de Graças. Temos diante de Deus uma grande dívida de gratidão, e uma forma de dar graças a Ele em Espírito e em Verdade, é amar gratuitamente “Eucaristicamente” sem esperar nada em troca, nem mesmo um “muito obrigado” (VAZ, 2011, p. 13).

A Voz dos Pobres compreende que a ação de graças na Santa Missa não deve terminar com a benção final, mas deve ser continuada na vida do cristão. Em cada Eucaristia, somos amados profundamente por este amor de Jesus que se entregou e continua a se doar inteiramente sob o véu do Sacramento. Diante desse amor, não há outra atitude apropriada do que retribuir amando Jesus escondido sob o véu dos pobres (FARIAS, 2011, p. 26).

Há tantas pessoas privadas dum lugar decente para viver e do alimento para comer! Mas todos conhecemos pessoas sozinhas, atribuladas, necessitadas: são sacrários abandonados. Nós, que recebemos de Jesus alimentação e morada, estamos aqui para preparar um lugar e o alimento para estes irmãos mais frágeis. Ele fez-Se pão repartido para nós; pede que nos doemos aos outros, que deixemos de viver para nós mesmos, mas vivamos *um para o outro*. É assim que se vive eucaristicamente: derramando sobre o mundo o amor que recebemos da carne do Senhor. A Eucaristia traduz-se, na vida, passando *do eu ao tu* (FRANCISCO, 2018c).

Viver este amor eucarístico é uma decisão, uma escolha livre, de expressar visivelmente aquele que comungamos em cada Santa Missa. É viver na vida a continuação da Missa que se estende para além dos muros eclesiais. É a decisão de não permitir que a Santa Missa termine em nossas vidas, mas estendê-la em cada atitude e palavra, em uma constante ação de graças pelo amor Deus (FARIAS, 2011, p. 28).

Amar os pobres não é uma tarefa fácil, afinal, não é um modo de vida atrativo. Jogados nas calçadas, eles se encontram sujos, com mau odor, às vezes urinados, com fezes, feridas, alcoolizados, sem perspectiva de vida. Alguns, portadores de deficiências físicas, transtornos mentais. Muitos vivem em solidão, feridos no corpo e na alma, invisíveis às pessoas que passam, desacreditados do amor. Não possuem beleza capaz de atrair o curioso olhar. Mas, “na cruz da calçada, oh Filho de Deus, quem te reconhecerá?” (FARIAS, 2011, p. 21).

É a intimidade da devoção eucarística que concede ao cristão a sensibilidade para com a dor dos irmãos. É o sacramento da caridade que rompe as barreiras que

nos separam uns dos outros (SACRAMENTUM CARITATIS, 66). É a contemplação ao Cristo eucarístico que nos ensina “a passar da carne de Cristo para a carne dos irmãos, onde Ele espera ser por nós reconhecido, servido, honrado e amado (FRANCISCO, 2018b).

A Missão Eucarística Voz dos Pobres compreende que decidir viver o amor eucarístico, é decidir servir a Cristo com zelo e gratidão no altar, na liturgia. Mas também amá-lo com igual zelo em gratidão nos pobres, buscando contemplar e prolongar o mistério da Santa Missa na vida deles.

Tentamos repetir nas calçadas o cuidado e o zelo que temos no altar de Deus. Limpamos, purificamos as feridas, a calçada se torna o altar; os curativos se tornam as alfaias. E neste momento que a ação de graças brota; as palavras, as orações, as feridas deles; enfim, é tirada da patena da rua e assim como embalamos O Santíssimo Sacramento no corporal, enfaixamos suas feridas, ou seja, velamos com um véu e amor quase sacramental (FARIAS, 2011, p. 32).

Viver a espiritualidade do amor eucarístico é se reconhecer limitado e dependente da Graça de Deus para aprender a amar. É tomar a decisão de não parar diante do desafio de amar aqueles que não possuem um atrativo ao olhar humano. É comungar Jesus na Eucaristia e deixar-se ser comungado por ele, suplicando constantemente em adoração para que ele nos ensine a contemplá-lo no rosto do pobre.

Ao colocar o véu em suas feridas, vivenciamos o momento pós-comunhão da Santa Missa, velamos o amor no sacrário do nosso coração, eles são quem curam nossas vidas. Bendito o amor de Deus e da Santa Igreja que ama preferencialmente os pobres. Acredite, é uma Santa Missa prolongada, este é um amor eucarístico: a ferida que cura as nossas feridas (FARIAS, 2011, p. 33).

3.5 Considerações finais do capítulo

Este capítulo refletiu acerca da Eucaristia como esta fonte espiritual que inspira o autêntico serviço cristão aos mais pobres. Somente por uma vida eucarística é possível se comprometer a viver o serviço aos pobres como modo de vida.

No primeiro momento, foi levantada a reflexão teológica da Igreja na América Latina e Caribe e a sua iniciativa em tentar corresponder aos apelos de tantos novos rostos pobres que continuam a surgir em países ainda marcados pela desigualdade. Identificando na Palavra de Deus que o próprio Cristo coloca os pobres na centralidade do Evangelho e se identifica com eles, é que a Igreja presente nos países latino-americanos assume uma chamada opção preferencial pelos pobres.

Posteriormente o conceito de opção preferencial pelos pobres foi assumido pelo Magistério Universal e continua a ser proposto a todos os batizados como compromisso necessário para uma autêntica vida cristã. A opção preferencial pelos pobres não é uma exclusão aos que não estão nesta categoria teológica, mas é a decisão por priorizar um serviço evangélico aos mais pobres, tendo em vista a sua urgência dos seus sofrimentos e compreendendo que é o próprio Cristo que sofre na carne deles.

A opção preferencial pelos pobres só pode ser sustentada a partir da Eucaristia. Somente a partir de Cristo é possível ser fiel a causa dos pobres diante de tantos desafios. É Jesus presente na Eucaristia que nos ajuda a reconhecê-lo nos pobres, é da Santa Missa que se edificará a civilização do amor.

Seguindo este caminho de opção preferencial pelos pobres, foi refletido o que a Igreja compreende por serviço aos pobres. Foi apresentado três dimensões igualmente importantes para um autêntico serviço que os cristãos podem exercer para com os mais pobres. A primeira é a dimensão do anúncio do Evangelho, a Boa-Nova capaz dar vida e nutrir a esperança daqueles que vivem muitas vezes sem perspectiva. O cristão tem o dever de romper as barreiras que impedem o acesso dos pobres aos bens espirituais da Igreja. A opção preferencial pelos pobres deve acontecer na prioridade que se dá ao atendimento espiritual deles.

A segunda dimensão se dá na atenção e proximidade com os pobres, sendo essa presença de Cristo que renova as suas esperanças. E a terceira dimensão se dá na promoção integral dos pobres, comprometendo-se com as suas necessidades humanas.

Por fim, foi proposto a partir da experiência dos Santos e da experiência do carisma da Comunidade Católica Missão Eucarística Voz dos Pobres um modelo de

espiritualidade que pode ser vivido por qualquer cristão que queira assumir para sua vida a opção preferencial pelos pobres.

A espiritualidade do amor eucarístico para com os pobres é se reconhecer devedor do amor de Deus. É entender a Eucaristia como a ação de graças a Deus e decidir que essa ação de graças não termine na benção final. É a decisão de amar por amar, sem esperar nada em troca, pois reconhece que já recebeu tudo do amor de Deus. É desejar retribuir o amor recebido por Cristo, amando aqueles por quem ele se identifica.

CONCLUSÃO

A partir da centralidade de Cristo na Eucaristia, que é fonte e ápice de toda a vida cristã, este trabalho monográfico pôde refletir acerca deste Sacramento de caridade como a fonte que inspira o serviço aos pobres. Diante da realidade que se impõe do sofrimento e abandono que os inúmeros pobres se encontram em nossa sociedade, buscou-se refletir como a devoção eucarística inspira e compromete o batizado a exercer o verdadeiro serviço da Igreja.

Desse modo, o presente trabalho teve por objetivo desenvolver uma reflexão teológica acerca do Sacramento da Eucaristia na dimensão bíblica, na Tradição e no Magistério da Igreja, buscando levantar dados que atestem a sua correlação com o serviço aos pobres e de que modo isso compromete o cristão.

Acredita-se que o objetivo desse trabalho foi alcançado e a hipótese foi confirmada, pois a pesquisa evidenciou uma correlação entre a Eucaristia e os pobres, de tal modo que não se pode escusar da tarefa de servir de algum modo os pobres. Quem se esquiva dos pobres celebra indignamente a Eucaristia, atitude que o Apóstolo Paulo buscou corrigir ao exortar a comunidade de Corinto (1Cor 11, 17-34).

Ao longo do trabalho, foi evidenciado que a Eucaristia não somente compromete o cristão à causa dos pobres, como também atribui novo sentido que inspira o zelo no serviço aos mais necessitados. No primeiro capítulo foi refletido o aspecto sacrificial que se apresenta na Última Ceia do Senhor, narrada nos sinóticos. A narrativa da Ceia, a sua localização no conjunto da história da Paixão do Senhor, bem como as palavras utilizadas pelos evangelistas, demonstra o sentido sacrificial de Cristo como o Cordeiro imolado que se entrega por inteiro na Cruz e na Eucaristia.

Já no Evangelho segundo João, o evangelista opta por não apresentar a narrativa da instituição, trazendo um aspecto novo ao momento da Ceia, o lava-pés. O lava-pés não rompe com o rito da Ceia, mas ele transmite o verdadeiro sentido interior da Ceia. Há uma profunda relação entre a Instituição da Eucaristia e o lava-pés, de modo que um não faz sentido pleno se não for acompanhado do outro.

Jesus entrega aos discípulos estes dois testamentos finais, a Eucaristia e o lava-pés, e pede que façam o mesmo, em sua memória. Lavar os pés é servir, a

Eucaristia e o serviço se relacionam em um mistério só de autodoação total ao outro. Tal como Cristo se entrega inteiramente por seus discípulos, pede igualmente que os seus seguidores se doem completamente, através do serviço.

No segundo capítulo do presente trabalho, buscou-se refletir de que modo este testamento deixado por Cristo, da Eucaristia e do lava-pés, se desenvolveu nos primórdios da história da Igreja e a sua influência no Magistério atual da Igreja. Foi levantado alguns textos do período patrístico que demonstraram na Tradição da Igreja a consciência acerca desta profunda relação entre a Eucaristia e o serviço aos pobres. São Justino descreve em sua I Apologia que nas celebrações se reservava um momento de ofertar donativos para servir a mesa dos pobres. São João Crisóstomo ensina que o serviço na mesa dos pobres é o verdadeiro culto agradável a Deus e o que nos torna dignos de participar da mesa da Eucaristia.

No Magistério recente, desde o Concílio Ecumênico Vaticano II, foi levantado desde Paulo VI até o pontificado do Papa Francisco, textos em que os Papas atualizam o ensinamento da Palavra, presente na Sagrada Escritura e Tradição, acerca da Eucaristia como comprometedora da causa dos pobres e fonte de serviço.

Paulo VI afirma que a Eucaristia sensibiliza o coração humano e o culto eucarístico é o que promove o “amor social”. Por isso exorta para que se estimulem os fiéis na participação frequente e até cotidianamente da Santa Missa, e que se promova nas comunidades momentos de exposição e adoração ao Santíssimo Sacramento. João Paulo II postula claramente que a Eucaristia é a fonte do amor e do serviço aos irmãos.

O Papa Francisco destaca a necessidade evangélica de servir os pobres, pois eles foram pelo Senho no centro do Evangelho. O Santo Padre recorda que foi o próprio Cristo que quis se identificar no rosto dos pobres e é preciso ir ao seu encontro. Jesus está escondido no véu do Sacramento e no véu dos pobres. O pontífice ensina ainda que a Eucaristia é a escola de sensibilização com a necessidade do próximo e este motor que impulsiona na prática da caridade. Cuidar do corpo de Cristo presente no corpo chagado dos pobres é a autêntica resposta à comunhão sacramental recebida na Eucaristia.

Após ser levantada todas essas evidências que reafirmam a relação essencial entre a Eucaristia e o serviço aos irmãos mais necessitados, foi desenvolvido no

terceiro capítulo a reflexão sobre como os cristãos podem exercer essa missão confiada por Cristo de maneira frutuosa. Para isso, foi apresentado o cenário da pobreza em nosso continente, quem são os novos rostos dos pobres que continuam aumentando nos países latino-americanos, bem como a reflexão da Igreja presente nessa parte do continente.

Diante do sofrimento e do clamor dos pobres, os teólogos latino-americanos propuseram como resposta cristã, a chamada opção preferencial pelos pobres. Ela consiste na decisão de reconhecer que os pobres ocupam um lugar preferencial no coração de Deus. Essa opção preferencial não é exclusiva, nem excludente, é apenas a decisão de priorizá-los na ação evangelizadora da Igreja, conscientes da presença especial de Cristo neles e da urgência de suas necessidades.

Foi levantado ainda qual é o autêntico serviço cristão que se pode prestar aos pobres, tendo em vista que tudo se parte de Cristo. O Papa Francisco recordou na *Evangelii Gaudium* que o primeiro serviço que se deve prestar aos pobres é o do anúncio do Evangelho, a primeira caridade. A verdadeira opção preferencial pelos pobres é aquela que os prioriza no atendimento espiritual, é aquela que se preocupa em facilitar o acesso deles na recepção dos bens espirituais da Igreja. A primeira caridade é trazê-los para a mesa do Senhor, onde nossa dignidade de filhos de Deus é restaurada e nos tornamos todos irmãos.

O segundo serviço a ser exercido é o da presença atenciosa no meio deles, escutando, fazendo-se próximo, sem medo de se sujar ou contrair o “cheiro das ovelhas”. Em seguida e não menos importante, a promoção integral dos pobres, assumindo para si a responsabilidade de ajudá-los de algum modo em suas necessidades humanas.

Diante de tantos desafios no exercício do serviço aos pobres, é na Eucaristia que se aprende a bem servi-los, é na adoração eucarística que se aprende a ser servo. Por isso, foi desenvolvido seguidamente a proposta de uma espiritualidade eucarística que promova um frutuoso serviço aos mais pobres. Para isso, foi levantado a referência na vida dos santos como esses mestres da espiritualidade católica que iluminam os nossos caminhos.

Nos escritos da regra de vida deixada por São Francisco de Assis para a sua Ordem, percebe-se a sua ardorosa devoção à Eucaristia. Foi na contemplação à

humildade de Cristo na Eucaristia que ele aprendeu a ser pobre entre os pobres, dedicando a sua vida inteira em favor dos abandonados pela sociedade. Igualmente, Santa Teresa de Calcutá ensinou na regra de vida deixada para suas irmãs religiosas, que elas deveriam se esforçar de todos os modos para crescerem no amor terno a Jesus na Eucaristia, pois somente embebidas do espírito da Santa Missa, que as irmãs seriam capazes de se ofertarem diariamente no serviço aos pobres.

Por fim, foi apresentado a espiritualidade eucarística vivida pela Comunidade Católica Missão Eucarística Voz dos Pobres, como modelo a ser vivido por todo batizado, uma vez que os carismas são dons concedidos pelo Espírito em resposta às necessidades da Igreja e não uma propriedade de um grupo seletivo.

A espiritualidade eucarística de serviço aos pobres consiste em amar eucaristicamente, isto é, em ação de graças. É contemplar o amor de Cristo na Eucaristia e reconhecer-se devedor deste amor. Uma grande dívida de gratidão, que impulsiona a retribuir este amor gratuitamente naqueles pelos quais ele se identifica.

A contemplação amorosa a Jesus presente no Santíssimo Sacramento gera nos corações o zelo pelo seu Corpo Santo presente na Eucaristia e nos pobres. A espiritualidade eucarística é aquela que ama profundamente a Santa Missa e decide por não a deixar terminar na bênção final. Busca estender a Santa Missa na sua vida, amando eucaristicamente. Reconhece que é pela Eucaristia que se aprende a amar a Cristo nos pobres.

O tema desenvolvido neste trabalho monográfico possui grande relevância diante da urgência de inúmeras pessoas à margem da sociedade, que esperam por um fecho de luz que reacenda a esperança em seus corações. As reflexões levantadas no decorrer desta pesquisa contribuem na produção do sentido espiritual na prática pastoral e no serviço caritativo do leitor. Além disso, espera-se que este trabalho desenvolva um maior interesse de novas pesquisas sobre espiritualidades e carismas que favoreçam o serviço aos pobres.

REFERÊNCIAS

- ALDAZÁBAL, José. **A Eucaristia**. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- AMBRÓSIO, Santo. **Sobre os deveres dos ministros da Igreja**. In: FAUS, José Ignacio Gonzáles. *Vigários de Cristo: Os pobres na teologia e espiritualidade cristãs*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1996.
- BENTO XVI. **Audiência Geral, 13 de abril de 2011**. (2011). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2011/documents/hf_b-en-xvi_aud_20110413.html>. Acesso em: 28 abr. 2025.
- BENTO XVI. **Discurso Inaugural do Papa Bento XVI**. In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 7ª ed. São Paulo/Brasília: Paulus; Paulinas; CNBB, 2008.
- BENTO XVI. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sacramentum Caritatis**: sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2007.
- BEUTLER, Johannes. **Evangelho segundo João**: Comentário. São Paulo: Loyola 2016.
- BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2020.
- BOROBIO, Dionísio. **Eucaristia. Sapientia Fidei**: Serie de Manuales de Teologia. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2005.
- BRANDES, Orlando. **Eucaristia e amor social**: os pobres e a fome. Revista Encontros Teológicos nº44, ano 21, (2006). Disponível em: <<https://fascasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/387/374>>. Acesso em: 26 mar. 2025.
- CANTALAMESSA, Raniero. **A Pobreza**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA**. São Paulo: Loyola, 2011.
- CLIFFORD, Richard J. Êxodo. In: BROWN, Raymond; FITZMYER, Joseph; MURPHY, Roland (org.). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**: Antigo Testamento. Trad. Celso Eronides Fernandes. São Paulo: Ed. Academia Cristã Ltda; Paulus, 2007.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Sacrosanctum Concilium**: sobre a Sagrada Liturgia. Trad. Francisco Catão. 11ª ed. São Paulo: Paulinas, 2016.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Dogmática Dei Verbum**: sobre a Revelação Divina. 19ª ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Dogmática Lumen Gentium:** sobre a Igreja. 23ª ed. São Paulo: Paulinas, 2011.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Pastoral Gaudium et Spes:** sobre a Igreja no mundo atual. 17ª ed. São Paulo: Paulinas, 1998.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Conclusões da Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano de Medellín.** In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documentos do CELAM: Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2005.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe.** 7ª ed. São Paulo/Brasília: Paulus; Paulinas; CNBB, 2008.
- CORREIA, João Alberto de Sousa. **A Eucaristia na Bíblia e a Bíblia na Eucaristia.** Revista Theologica, 2ª série, v. 43, n. 1, (2008). Disponível em: <<https://facbel.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/A-Eucaristia-na-Biblia-FULL.pdf>>. Acesso em 10 jan. 2025.
- COSTA, Joaquim Jocélio de Sousa. **Voltar à Tradição:** a opção pelos pobres nos Padres da Igreja. Pensar-Revista Eletrônica da FAJE, v.14, n.1 (2023). Disponível em: <<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/5400/5037>>. Acesso em 10 mar. 2025.
- DI BERARDINO, Angelo (org.). **Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs.** Trad. Cristina Andrade. Petrópolis: Vozes, 2002.
- DIDAQUÉ. **Instrução do Senhor aos gentios.** In: CORDEIRO, José de Leão (org.). Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003.
- DOUGLAS, James Dixon (org.). **O novo dicionário da Bíblia.** Trad. Russel Phili. Shedd. vol. 2. São Paulo: Edições Vida Nova, 1991.
- DROBNER, H. R. **Manual de patrologia.** Petrópolis: Vozes, 2008.
- FARIAS, Sérgio Roberto. **Amar, Sofrer, Perdoar e Continuar.** São Paulo: Palavra & Prece, 2011.
- FERREIRA, Jonas dos Santos. **A Ceia do Senhor:** Uma abordagem bíblica e de retorno às fontes. Dissertação de mestrado. Repositório Institucional da PUC-RIO. (2015). Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/26859/26859.PDF>>. Acesso em: 22 nov. 2024.
- FRANCISCO DE ASSIS. **Carta a toda Ordem com a oração Onipotente e Eterno Deus.** In: FASSINI, Dorvalino Francisco (coord.). Fontes Franciscanas. Santo André: Editora O Mensageiro de Santo Antônio, 2004.

[/documents/papa-francesco_20130314_omelia-cardinali.html](#)>. Acesso em: 28 abr. 2025.

FRANCISCO. **Mensagem do Santo Padre Francisco para o I Dia Mundial dos Pobres, 19 de novembro de 2017.** (2017). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20170613_messaggio-i-giornatamondiale-poveri-2017.html>. Acesso em: 14 abr. 2025.

FRANCISCO. **Mensagem do Santo Padre Francisco para o VII Dia Mundial dos Pobres, 19 de novembro de 2023.** (2023). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/2023_0613-messaggio-vii-giornatamondiale-poveri-2023.html>. Acesso em: 23 abr. 2025.

GOEDERT, Valter Maurício. **Eucaristia: Pão para a Vida do Mundo.** Encontros Teológicos. nº 41. (2005). Disponível em: <<https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/421/408>>. Acesso em: 23 abr. 2025.

GOMES, Cirilo Folch. **Antologia dos Santos Padres: páginas seletas dos antigos escritores eclesiásticos.** São Paulo: Paulinas, 1980.

GUZMÁN, María del Rocío Mariscal. **O “lava-pés” no Evangelho segundo João: parábola do amor agápico de Cristo e caminho do discipulado cristão.** Dissertação de Mestrado. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. (2018). Disponível em: <<https://faculdadejesuita.edu.br/wp-content/uploads/2022/07/O-LAVA-PES-NO-EVANGELHO-SEGUNDO-JOAO-PARABOLA-DO-AMOR-AGAPICO-DE-CRISTO-E-CAMINHO-DO-DISCIPULADO-CRISTAO.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2025.

JOÃO PAULO II. **Carta aos Bispos da Conferência Episcopal dos Bispos do Brasil, 9 de abril de 1986.** (1986). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1986/documents/hf_jp-ii_let_1986_0409_conf-episcopale-brasile.html>. Acesso em: 20 abr. 2025.

JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica Dies Domini:** sobre a santificação do domingo. (1998a). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1998/documents/hf_jp-ii_apl_05071998_dies-domini.html>. Acesso em: 26 mar. 2025.

JOÃO PAULO II. **Vigília de Oração presidida pelo Papa João Paulo II durante o encontro dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades, 30 de maio de 1998.** (1998b). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1998/may/documents/hf_jp-ii_spe_19980530_riflessioni.html>. Acesso em: 28 abr. 2025.

JOÃO CRISÓSTOMO. **Homilias sobre a primeira Carta aos Coríntios.** In: CORDEIRO, José de Leão (org.). **Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio.** Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003.

- JOÃO PAULO II. **Carta Dominicae Ceneae**: sobre o mistério e o culto da Santíssima Eucaristia. (1980). Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1980/documents/hf_jp-ii_let_19800224_dominicae-ceneae.html#:~:text=Culto%20do%20Mist%C3%A9rio%20Eucar%C3%ADstico&text=Tal%20culto%20%C3%A9%20dirigido%20a,vida%20eterna%22%20(9)>>. Acesso em: 26 mar. 2025.</p><p>JOÃO PAULO II. Carta Encíclica Ecclesia de Eucharistia: sobre a eucaristia na sua relação com a igreja. São Paulo: Loyola, 2003.</p><p>JOÃO PAULO II. Carta Apostólica Mane Nobiscum Domine: para o ano da Eucaristia. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2005.</p><p>JOÃO PAULO II. Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte. (2001). Disponível em: <. Acesso em: 28 abr. 2025.
- JUSTINO DE ROMA. **Apologia I**. In: CORDEIRO, José de Leão (org.). Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003.
- KOLODIEJCHUK, Brian (org.). **Venha, seja minha luz**: os escritos privados da santa de Calcutá. Trad. Maria José Figueiredo. 3ª ed. Rio de Janeiro: Petra, 2016.
- KONINGS, Johan. **A Palavra que é Pão**: a Eucaristia no Quarto Evangelho. Fronteiras - Revista de Teologia da UNICAP. Recife – PE. v.3, n.2, p. 478-499, dez. (2020). Disponível em: <<https://www1.unicap.br/ojs/index.php/fronteiras/article/view/1847/1526>>. Acesso em: 20 jan. 2025.
- LÉON-DUFOUR, Xavier. **Leitura do Evangelho segundo João IV**: capítulos 18 - 21. Trad. Johan Konings. São Paulo: Loyola, 1998.
- LÉON-DUFOUR, Xavier. **O Pão da Vida**: Um estudo sobre a Eucaristia. Petrópolis: Vozes, 2005.
- LÓPEZ, Félix Garcia. **O Pentateuco**: introdução à leitura dos cinco primeiros livros da Bíblia. 2ª ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2006.
- LURKER, Manfred. **Dicionário de figuras e símbolos bíblicos**. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1993.
- MAIA, Tânia Maria Couto. **Cristo, Pão da Vida (Jo 6,1-71)**. Kairós – Revista Acadêmica da Prainha. Ano VII/2, jul-dez. (2010). Disponível em: <<https://www.ojs.catolicadefortaleza.edu.br/index.php/kairos/article/view/207/189>>. Acesso em: 20 jan. 2025.
- MARQUES, Mariosan de Sousa. **Mt 14, 13-21: o milagre do pão partilhado**. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 33, n.2, p. 249-258, 2023. Disponível em:

<<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/13264/6481>>. Acesso em 10 jan. 2025.

MCKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. 10ª ed. São Paulo: Paulus, 2011.

RITUAL ROMANO. **Missal Romano**. Reformado por decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por autoridade de S.S. o Papa Paulo VI e revisto por S.S. o Papa João Paulo II. Tradução portuguesa da terceira edição típica realizada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. Brasília: Edições CNBB, 2023.

PAULO VI. **Homilía del Santo Padre Pablo VI para los campesinos colombianos, 23 de agosto de 1968**. (1968) Disponível em: <https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/homilies/1968/documents/hf_p-vi_hom_19680823.html>. Acesso em: 21 de abril de 2025.

PAULO VI. **Populorum Progressio: sobre o desenvolvimento dos povos, 26 de março de 1967**. (1967) Disponível em: <https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html>. Acesso em: 20 abr. 2025.

PAULO VI. **Carta Encíclica *Mysterium Fidei***: sobre o culto da Sagrada Eucaristia. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

SANTOS, Benedito Beni dos. **O Sacerdócio e a Eucaristia**. Lumen Veritatis. vol. 15, n. 59, p. 145-169, abr. - jun. 2023. Disponível em: <<https://lumenveritatis.org/ojs/index.php/lv/article/view/711/255>>. Acesso em: 20 jan. 2025.

SOUZA, Ney de. **História da Igreja na América Latina**: iniciação à Teologia. Petrópolis: Vozes, 2022.

TERESA DE CALCUTÁ. **Regras Manuscritas**. In: KOLODIEJCHUK, Brian (org.). Venha, seja minha luz: os escritos privados da santa de Calcutá. Trad. Maria José Figueiredo. 3ª ed. Rio de Janeiro: Petra, 2016.

TOMÁS DE CELANO. **Segunda Vida de São Francisco**. In: FASSINI, Dorvalino Francisco (coord.). Fontes Franciscanas. Santo André: Editora O Mensageiro de Santo Antônio, 2004.

VAZ, Cláudio Luiz. **Prefácio**. In: FARIAS, Sérgio Roberto. Amar, Sofrer, Perdoar e Continuar. São Paulo: Palavra & Prece, 2011.

VITÓRIO, Jaldemir. **O lugar do profeta: a fuga não é solução**: Uma leitura de 1Rs 19, 1-21 – Elias no Horeb. Revista Abib. Estudos Bíblicos, São Paulo, v. 28, n. 107, p. 35–49, (2021). Disponível em: <<https://revista.abib.org.br/EB/article/view/431>>. Acesso em 28 nov. 2024.